

Geraldo De Mori (FAJE)
Manoel José de Godoy (ISTA)
Jean Richard Lopes (PUC MINAS)
Edward Magalhães (PUC MINAS)
Lucimara Trevisan (CENTRO LOYOLA)
(Organizadores)

Anais do Colóquio

A conversão pastoral da Igreja em tempos de Francisco

Promoção: Grupo de Pesquisa
Teologia e Pastoral
Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia



Geraldo De Mori (FAJE)
Manoel José de Godoy (ISTA)
Jean Richard Lopes (PUC MINAS)
Edward Magalhães (PUC MINAS)
Lucimara Trevisan (CENTRO LOYOLA)
(Organizadores)

Anais do Colóquio

A conversão pastoral da Igreja em tempos de Francisco

Promoção: Grupo de Pesquisa
Teologia e Pastoral
Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia



FICHA CATALOGRÁFICA

Com ISSN

Apoio:



Agências de fomento:



SUMÁRIO

Apresentação	4
Os organizadores	
Conversão: significados	7
Antonio Manzatto	
Conversão pastoral da Igreja	18
Cleto Caliman	
Tempo e temas de Francisco	21
Rosana Manzini	
Tempo e Temas de Francisco	30
Manoel José de Godoy	
Igreja em saída: para onde?	35
Pe. Jaldemir Vítório SJ	
Igreja em saída: para onde?	47
Edward Guimarães	

Introdução

O grupo de pesquisa Teologia e Pastoral, sob a liderança de Francisco das Chagas de Albuquerque (FAJE) e Cleto Caliman (PUC Minas), contando com pesquisadores (as) e estudantes da PUC Minas, FAJE, ISTA, Centro Loyola e Arquidiocese de Belo Horizonte, realiza há vários anos um colóquio de teologia pastoral reunindo as três faculdades de teologia católica de Belo Horizonte e o Centro Loyola. Os temas escolhidos são estudados anteriormente pelo grupo. Sua relevância para pensar a ação pastoral e a presença do cristianismo na contemporaneidade é a razão pela qual esses temas são propostos num colóquio que pretende reunir lideranças pastorais, estudantes de teologia e público em geral, a maior parte residindo ou estudando em Belo Horizonte e adjacências. Em 2016 o tema escolhido foi o das provocações de Francisco para a pastoral da Igreja hoje.

Desde sua eleição, em 2013, o Papa Francisco vem criando uma nova dinâmica ou uma “nova primavera” na Igreja. Seu Pontificado, feito de inúmeros gestos e apelos simbólicos, chama a Igreja a uma “conversão”, tirando-a do centro, levando-a às “periferias existenciais”, transformando-a em uma “Igreja em saída”, que se assemelha a um “hospital de campanha”, testemunha da misericórdia divina, que soma esforços no cuidado da criação e se coloca como defensora dos mais pobres. Como entender todos esses gestos e apelos? Como eles interpelam a Igreja real, povo de Deus e hierarquia? Até que ponto eles mudam o jeito de ser Igreja em nosso país e na Arquidiocese de Belo Horizonte?

Talvez ainda seja cedo para a leitura de um Pontificado tão rico em iniciativas, com palavras tão agudas sobre as grandes questões da humanidade e da Igreja, e decisões que indicam um caminho novo a ser trilhado. A teologia não pode perder esta “ocasião favorável” para ousar pensar e propor pistas para melhor acolher os apelos vindos de Francisco. O tema da “conversão pastoral”, já proposto pelos bispos latino-americanos e caribenhos na Conferência do CELAM em Aparecida, em 2017, continua atual. É sobre ele que o IV Colóquio de Teologia e Pastoral, organizado pela FAJE, ISTA, PUC Minas e Centro Loyola, se debruçou entre os dias 2-5 de maio de 2016.

Três conferências foram apresentadas, uma em cada noite, com a interlocução de um dos membros do Grupo. Na primeira noite, na FAJE, o Prof. Antônio Manzatto, da PUC SP, apresentou uma rica reflexão sobre a conversão, com os significados que o

pontificado de Francisco tem lhe dado. Cleto Caliman, da PUC Minas, enriqueceu o debate, com uma breve comunicação sobre o significado do pontificado de Francisco em fidelidade às intuições do Concílio Vaticano II. Na segunda noite, na PUC Minas, a Profa. Rosana Manzini, da PUC SP e Pio XII/Unisal, ofereceu uma leitura provocativa sobre o tempo e os temas de Francisco, indicando em que esse tempo e esses temas questionam a Igreja nessa época tão crucial da história da humanidade. Sua conferência contou com a reação, também breve, de Manoel Godoy. Na terceira noite, no ISTA, o Prof. Jaldemir Vítório propôs uma estimulante conferência sobre o tema “Igreja em saída: para onde?”, que também contou com uma reação, a de Edward Magalhães, da PUC Minas.

Pela primeira vez a organização do Colóquio abriu espaço para apresentação de comunicações. No entanto, a exiguidade do tempo de inscrições não animou os pesquisadores a proporem muitas comunicações. Tampouco foram enviados os textos apresentados, o que justifica a ausência nesses Anais desses textos. Com a divulgação dos textos das conferências e interlocuções esperamos contribuir para que as provocações de Francisco estimulem o debate aberto e franco na Igreja, contribuindo assim para gerar novas formas de se anunciar e testemunhar a “alegria do Evangelho” em nossos dias.

Os organizadores.

Conversão: significados

Antonio Manzatto¹

Resumo

A palavra “conversão” aparece com destaque no Documento de Aparecida, ligada à proposta de renovação pastoral em decidido comportamento missionário. Contudo, nem sempre se atenta ao alcance que tal palavra possui em teologia, para além da moral ou de estratégias pastorais. A hermenêutica da palavra “conversão” pode fazer alcançar significados que, se não estão explícitos em um primeiro momento, são profundamente renovadores do modo de ser eclesial assim como de sua maneira de posicionar-se na sociedade.

Palavras chave: conversão, metanoia, mudança, missão.

Abstract

The word “conversion” appears prominently in the Document of Aparecida, attached to the proposal for a pastoral renewal by a decisively missionary behavior. However, not always we are attentive to the extent that this word has in theology, beyond the moral or pastoral strategies. Hermeneutics of the word “conversion” can achieve meaning that, if they are not explicit at first, are deeply renovators of being ecclesial mode as well as its way to position itself in society.

Keywords: conversion, metanoia, change, mission.

É curioso como certas palavras não se acrescentam ao nosso conhecimento. Não as estudamos porque não as escutamos. Uma destas palavras é *conversão*. Sabemos o que quer dizer e não nos preocupamos mais em entendê-la ou acrescentar significados. Ela nos fala assim, e pronto. Já não a ouvimos em sua variação de tonalidades, intensidades, em sua gama múltipla de significados abertos. Como a torneira, que a gente já sabe o que é e para que serve, não há mais nada a acrescentar a não ser, talvez, seu desenho.

Quando falamos em *conversão*, sempre lhe atribuímos dois significados. Um vem do trânsito, que fala de conversão como mudança de rota: conversão à direita, à esquerda,

¹ Doutor em Teologia pela Universidade de Lovaina (Bélgica), professor titular de teologia sistemática da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, presbítero da Arquidiocese de São Paulo.

conversão proibida, enfim, é sempre mudança de rumo. Outro significado vem do segmento religioso e indica uma mudança de religião, como quem se converte ao catolicismo, ou uma mudança dentro da religião, como quem se converte e deixa de ser pecador. Também aqui é uma espécie de mudança de rumo, então, por analogia, uma mudança de comportamento. E temos a compreensão do que seja *conversão*: uma mudança. Pronto, não avançamos mais, recusamo-nos a ouvir para além disso e, inclusive, não raro recusamo-nos a pensar em desdobramentos possíveis, tanto no significado quanto no ato.

1. Sim, a palavra grega por trás do significado de *conversão* é *metanoia*, termo usado para indicar a mudança. Estamos diante de uma palavra dos evangelhos que pode, sim, ser uma palavra do Evangelho. Composta por duas raízes, *meta*, que pode indicar transformação, e *nous*, que indica conhecimento, intelecto. Daí normalmente se perceber a palavra como indicando uma mudança de mente, mudança de conhecimento, de mentalidade, de forma de pensar². Aqui temos uma conotação evangélica bastante interessante, ainda que a pesquisa bíblica do termo deva ser feita, o que não é nosso propósito aqui.

Metanoia significa pensar diferente. Mudar as referências do pensamento, base para a ação. Daí seu significado tradicional como “voltar o coração para Deus”³, como sendo pensar de outra forma, o que vai ocasionar novo comportamento. Mas a ênfase não se coloca no fazer coisa diferente, mas sim na mudança de forma de pensar. Agora é para pensar segundo os critérios de Deus, isso o que significa *conversão*. Mas é importante não cair em moralização barata que privilegia simplesmente o comportamento defendido pelo status quo, mesmo que seja ele o religioso, estabelecendo virtudes a serem vividas pelo convertido. Se for assim, se sai de um comportamento problemático para entrar em outro já definido e que não exige mudança de mentalidade, apenas de estratégia.

Partamos da pregação de Jesus que anuncia a chegada do Reino de Deus e pede que a *metanoia* seja a perspectiva de quem aceita e confia que isso seja uma boa notícia (Mc 1,15). A interpretação tradicional vê o convite à *metanoia* como uma forma de merecer

² Veja-se José Luiz Gonzaga do PRADO, “Paróquia, rede de comunidades – a conversão pastoral”, *Vida Pastoral*, 01/2014. Disponível em <<http://www.vidapastoral.com.br/artigos/eclesiologia/paroquia-rede-de-comunidades-a-conversao-pastoral/>>. Acesso em 06 de maio de 2016.

³ Assim em *Dicionário de Mística*. São Paulo: Loyola / Paulus, 2003.

participar do Reino de Deus e, neste sentido, a pregação de Jesus não teria muita distância da pregação do Batista, ambas acontecendo em ambiente dominado pela apocalíptica. Já disse que não quero fazer aqui exegese bíblica, mas me parece que o *converter-se* está junto com o “acreditem na boa-notícia”, e não seria “convertam-se para participar do Reino”. Pode ser apenas uma nuance, mas ela não é sem sentido se tomamos a compreensão de que *metanoia* refere-se a uma mudança de mentalidade. Com efeito, há que pensar diferente para compreender o Reino de Deus como boa-notícia.

Lucas dá mais cores à compreensão dessa boa-notícia quando a liga aos *ptochois*, aos pobres e indigentes. Na verdade, há que haver uma verdadeira *metanoia*, mudança de mentalidade e conhecimento, para confiar que o Reino, a *Basileia*, é para os *ptochois*, e que isso é *evangelion*. O Reino é para os pobres, e esta é a boa notícia. Para quem achava que o Reino não viria, para quem achava que ele seria só para Israel, para quem achava que ele seria apenas para os bons e os justos, para todos estes Jesus vem pedir uma mudança de mente e afirmar que o Reino é para os pobres. Claro que Israel, os justos, todos, podem participar deste Reino como pobres e em aliança com eles, não de outra forma. A mudança de mentalidade é fundamental aqui se quisermos entender a realidade da pregação de Jesus sobre o Reino de Deus. Verdadeira *metanoia*.

Podemos perceber desta forma o que significa mudar a mente para pensar como Deus pensa e age. Nossos esquemas tradicionais de poder, de centralização, de definição ou controle da verdade não dão conta de caracterizar o projeto de Deus consumado no Reino que ele inaugura em Jesus. O Reino é inaugurado como “vida nova”, tanto em seus sinais figurativos, os chamados milagres, como em sua explicitação na Ressurreição de Jesus ou em sua historicização na Igreja apostólica, aquela que nos deixou como herança dois sinais fundamentais, batismo e eucaristia, e uma realidade de vida, a comunidade crente, que indicam, exatamente, a perspectiva da vida nova a que aludimos e que vem da Páscoa.

Será importante cultivarmos a *metanoia* não apenas para pensar a realidade do Reino de Deus, mas para pensar toda nossa vida, e nossa vida de fé, a partir desta realidade que foi o centro da vida de Jesus. Ele a viveu em total dedicação a anunciar e construir o Reino e torná-lo presente no mundo. Para isso viveu e por isso morreu e ressuscitou. O Reino é que faz a relação existencial entre o Jesus pré-pascal e o Cristo pós-pascal. Se o

Reino de Deus não é o centro de nossa vida, então não a vivemos como discípulos de Jesus, porque o discípulo aprende com seu mestre como viver. Nossos referenciais precisam mudar, nossa forma de pensar precisa ser outra para que efetivamente o Reino seja o centro de nossa vida como o foi para Jesus, e nisso está a importância da *metanoia*.

A teologia latino-americana coloca este aspecto em evidência quando diz do seguimento de Jesus. Jon Sobrino⁴ sistematiza este pensamento de maneira paradigmática, de tal forma que podemos pensar em seguimento quando falamos de discipulado. Afinal, discípulo é quem segue o mestre. Precisemos que o seguimento é distinto da imitação porque não repete comportamentos, mas significados. É preciso re-situar Jesus em seu contexto para que suas ações possam ter sentido e, então, o que repetiremos como discípulos não são exatamente as ações, mas o sentido que tiveram em seu contexto, para que suscitem transformação no nosso contexto. Parece-me que esta forma de compreender o seguimento é fundamental, assim como a referência à *metanoia* é capital para se perceber o alcance do que falamos quando dizemos *conversão*.

2. Para nós, porque mais próxima de nosso idioma, *convertio* é a palavra latina que foi traduzida como *conversão*. Curiosamente, não é ela a tradução constante de *metanoia*. Às vezes ela traduz o grego *strepho*, como em Mt 18,3, e por isso às vezes *metanoia* é traduzida por penitência ou arrependimento. Percebemos porque, na compreensão tradicional, conversão é mais facilmente entendida de maneira espiritualizada.

Convertio indica, sim, uma mudança de direção, uma mudança de rumo e, por isso, corresponderia à mudança de mentalidade da palavra *metanoia*. É realmente muito simples fazer a passagem do sentido físico e literal para um sentido moral que não está distante. Trata-se de mudar o comportamento, fazer com que a vida tenha outro referencial, outro rumo, seja vivida em outra direção. E completamos rapidamente: em direção ao Reino de Deus. Este sentido também está, sim, contido na palavra conversão, não podemos desprezá-lo. Ainda com outro detalhe, que é o entendimento de ser uma volta ao ponto inicial, um dar a volta para retomar o início⁵. Assim com a raiz *strepho* na origem do sentido de

⁴ Por exemplo, Jon SOBRINO, “Seguimento de Jesus”, p. 772. In: FLORISTÁN SAMANES, C.; TAMAYO, J. J.(orgs), *Dicionário de conceitos fundamentais do cristianismo*, Paulus, 1999, pp. 771-775.

⁵ Assim Jean-Yves LACOSTE, *Dicionário Crítico de Teologia*. São Paulo: Paulinas / Loyola, 2004; também João Décio PASSOS, “Conversão pastoral: desafios de renovação da Igreja”, *Vida Pastoral*, 2015. Disponível

conversão. A mudança de rumo não seria em direção ao passado simplesmente, mas em direção ao ponto inicial, uma espécie de volta às origens.

Não restam dúvidas de que há elementos significativos para pensarmos a conversão como uma volta às origens, uma volta às fontes como se diria na terminologia do Vaticano II. Seria algo como voltar à pregação de Jesus de Nazaré, ponto inicial de nossa referência de fé, e teríamos novamente em destaque a questão do Reino de Deus e sua realização em benefício dos pobres. Poderíamos também ver o ponto inicial como aquele da vida da Igreja apostólica e sua maneira de se entender no mundo. Porque a Igreja dos apóstolos não se via como fim em si mesma, mas como ambiente comunitário e fraterno que mudava o mundo e, por isso, precisava espalhar-se. Afinal, este é o comportamento próprio do Reino de Deus, o de vida fraterna em comunidade, e neste sentido os primeiros cristãos entendiam-se fiéis ao ensinamento e ao mandato de Jesus. Sua missão era espalhar comunidades e, assim, fazer crescer o Reino de Deus enquanto esperavam sua plenificação. Também podemos entender a volta ao início como uma volta à graça batismal em termos, também, de purificação e libertação do pecado. Mas como o batismo foi o ato que iniciou nossa caminhada na fé e nos inseriu na comunidade, voltar ao ponto inicial pode ser redescobrir as razões que nos fizeram optar pela fé e, por isso, nos re-situar naquela sua dinâmica inicial.

A derivação de significados a partir do trânsito não é sem interesse aqui. Sempre que estamos perdidos precisamos voltar a um ponto inicial do mapa para nos encontrarmos e podermos seguir em frente. Não é diferente com nosso comportamento cristão, sobretudo quando nos perguntamos sobre tantas coisas das quais não temos respostas, ou então as respostas que encontramos não convencem: porque estamos perdendo fiéis, porque as pessoas não se preocupam com a Igreja ou com a religião, porque a Igreja se afasta do território público, e assim por diante. Bem, se nos encontramos sem respostas, não é má ideia voltar ao ponto inicial, não para permanecer ali, mas para poder se reencontrar e seguir em frente. Não basta voltar a um ponto conhecido, mas sim voltar ao ponto inicial, porque dali poderemos seguir adiante, talvez até por caminhos diferentes.

em <<http://www.vidapastoral.com.br/artigos/eclesiologia/conversao-pastoral-desafios-de-renovacao-da-igreja/>>. Acesso em 06 de maio de 2016.

Outra palavra de origem latina, *penitência*, entra também pela porta da *metanoia*. Quando algumas versões da Bíblia enfatizam que é preciso converter-se e fazer penitência e exortam ao arrependimento, não temos nenhuma dúvida de a que estas palavras se referem e o que é necessário que façamos em nossa vida cristã⁶. Afinal, penitência tem a ver com a superação do pecado, e muitos inclusive a entendem como forma de pagar os pecados. Será preciso voltar ao contexto medieval para perceber a amplitude da questão.

Efetivamente, na Idade Média o tema teológico de recorrência era o pecado, como o demonstram os textos, mas, sobretudo, a prática penitencial da Igreja naquele período. Em ambiente onde todos são cristãos, o problema principal será o daqueles que tentarão, de diversas maneiras, romper a ordem estabelecida. O pecado passou a representar esta situação, entendido então como ruptura da ordem estabelecida. Passa-se, conseqüentemente, a incentivar maneiras de superar o pecado para o restabelecimento da ordem. É assim na teologia que privilegia o jurídico e a soteriologia entendida como justificação ou satisfação, e também na prática eclesial que privilegia a penitência⁷.

Em foco está a prática da reparação das ofensas que deve ser feita através de certo castigo que recupere, pela justificação, a inocência do pecador. Na prática tivemos a compreensão de que quanto maior o castigo, maior o número de pecados justificados. Grandes pecadores precisavam de grandes castigos, portanto. O castigo de Jesus, porque vítima inocente, restituía a inocência a todo o gênero humano, já que ele era Deus e seu sacrifício seria infinito, reparando a ofensa infinita feita a Deus pelo pecado. Não é diferente disso a teologia de Santo Anselmo, cujas influências percebemos até hoje na liturgia, na religiosidade popular e mesmo no desenvolvimento do trabalho teológico em vários setores eclesiais.

3. Por isso, ao menos na compreensão popular, a conversão foi aproximada da penitência. A demonstração de que há conversão é a penitência realizada e esta, por sua vez, como que possibilita aquela. Tudo corre no terreno da moral, e a conversão passa a ser vista como certa exigência de moralidade em caminho de santidade. Há certa radicalidade presente na conversão, sempre demandada porque sempre a vida humana se depara com situações onde o pecado impera. Como santidade é entendida, popularmente, como

⁶ Ermanno ANCILLI, *Dicionário de Espiritualidade – vol. 1*. São Paulo: Paulinas / Loyola, 2012.

⁷ Benedito FERRARO, *Cristologia*, Petrópolis: Vozes, 2004.

ausência de pecado, então a conversão é exigida para início ou retomada do caminho de santidade. Para o que nos ocupa, é bem verdade que este sentido da palavra não precisa ser afastado dos outros aos quais aludimos. Mas não seria bom que ele assumisse toda a semântica da *conversão*, possibilitando que aqueles outros significados também transpareçam em sua compreensão mais ampla.

É curioso perceber como, por este caminho, a conversão sempre está relacionada a pecado. Exige-se conversão lá onde habita o pecado, sendo a primeira exigência o abandono da situação de pecado. A relação é tão grande que o sacramento da reconciliação, também chamado de sacramento da penitência, não é conferido àqueles que “não se convertem”, que não abandonam a situação ou a vida de pecado. Não é esta a razão apontada para que não se permita, em determinadas situações familiares, a participação naquele sacramento?

A lógica é exigente. Se há pecado e então se exige a conversão, quando o Documento de Aparecida insiste na “conversão pastoral” é porque enxerga, na forma do exercício da ação pastoral da Igreja, pecado? Parece que a pergunta não é sem sentido. Afinal, sem desconhecer os méritos de trabalhos pastorais efetuados ou em desenvolvimento, Aparecida conclama a uma conversão da “pastoral de manutenção” para uma ação “decididamente missionária”. Ora, podemos juntar os significados apontados na palavra conversão para estendermos um pouco mais a perspectiva de Aparecida sobre a ação missionária da Igreja.

Sim, é preciso voltar à dinâmica inicial do cristianismo que não hesitou diante da necessidade da missão. A retomada missionária de Aparecida seria, então, uma volta ao ponto inicial, à dinâmica missionária das primeiras comunidades e por isso se usa a expressão “discipulado”, em clara referência aos “discípulos de Jesus” que, no hoje da história, são os membros da Igreja. Parece-me, na mesma linha de raciocínio, que é a mentalidade eclesial, e não apenas suas práticas, que carece de transformação. Com certeza é necessário mudar de mentalidade para que a ação pastoral passe a ser compreendida como ação missionária. Missão não será simples dimensão da vida eclesial, mas sua própria natureza. O paradigma missionário de Aparecida não vê a missão como conquista de fiéis para a Igreja, mas sim como proclamação da boa-notícia da dignidade humana. Menos

preocupada em encher a Igreja de adeptos e mais preocupada em fazer com que os valores evangélicos penetrem a estrutura da sociedade e a fermentem para que ela não se edifique a partir de outros valores que não aqueles fundamentados no Evangelho de Jesus.

Por isso seu centro referencial é a perspectiva de Reino de Deus. Não admira que, anos mais tarde, o cardeal Jorge Mario Bergoglio, um dos principais redatores do Documento de Aparecida, tornado Papa Francisco, escreva na *Evangelii Gaudium* que “evangelizar é tornar o Reino de Deus presente no mundo” (EG 176). O desvio de significado não é pequeno: não se trata mais de apenas anunciar o Reino de Deus, mas de fazê-lo presente porque, afinal, ele está instaurado definitivamente no mundo pela Ressurreição de Jesus Cristo. Por isso ele não pode ser, simplesmente, identificado com o céu ou com uma grandeza meramente espiritual. Ele é histórico porque senão aquele Jesus que o anunciou próximo não teria sido verdadeiro neste anúncio, e não poderia ser chamado de Messias. Mas Jesus não apenas não errou ao dizê-lo próximo como também o realizou, confirmando sua função messiânica. Há que ser consequente e enxergar que o Reino já está presente neste mundo e esparramá-lo e fazê-lo crescer é a verdadeira missão da Igreja.

4. Aliás, Francisco tem radicalizado o discurso missionário propondo atualmente um novo paradigma para pensar a própria natureza da Igreja. Entende ele que a Igreja é missionária em uma perspectiva de saída. Embora o paradigma anterior já tenha ultrapassado a ideia de missão como edificação da Igreja e a compreenda como fermentação da sociedade com os valores do evangelho, em discipulado e, neste sentido, também como construção da comunidade e anúncio da chegada do Reino de Deus, agora o novo paradigma se refere a uma igreja que se faz no mundo, em serviço à humanidade a partir dos mais pobres e sofredores. Há certa passagem da mentalidade de Igreja missionária para outra mentalidade, a de igreja em saída (EG 20-23).

Trata-se da Igreja que só acontece em ação de saída de si mesma para encontrar-se com as realidades do mundo, convencida de que “as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo” (GS 1). O Papa Francisco, sem dúvida, encontra no Concílio Vaticano II a inspiração para suas ações e para sua pregação endereçada à Igreja de Jesus Cristo e a toda a humanidade.

Há aqui ponto importante. A veracidade da Igreja, como que sua verificabilidade, se encontra em sua capacidade de serviço aos pobres e sofredores. A própria natureza da Igreja passa a ser aquela anunciada pelo Concílio, uma Igreja servidora do mundo, sem auto-referência. O Papa Francisco tem uma consciência eclesiológica bastante desenvolvida e evoluída ao propor uma Igreja pobre e dos pobres. Não é sem sentido, então, fazer notar que, como vivenciamos recentemente, o encontro entre a Igreja do Ocidente e a Igreja do Oriente só pode se dar junto aos pobres, porque é lá o lugar da Igreja de Cristo, uma vez que foi o lugar onde Jesus preferiu viver sua existência.

A conversão assume características radicais de mudança de mentalidade quando se imagina o esforço a ser feito, inclusive penitencial, para passar da auto-referencialidade eclesial a uma consciência aberta de Igreja em saída. Não é à toa que Francisco tem sido compreendido e admirado fora dos muros eclesiais, enquanto intra-muros ele é criticado, boicotado e evitado. Não é fácil mudar de mentalidade, a narrativa do jovem rico (Mt 19, 16-23) já bem o demonstrava.

5. O Documento de Aparecida já tem quase dez anos. Em outros tempos, seria o momento de ir preparando nova Assembleia Geral do Celam. Em outros tempos. Hoje não, até porque se tem claro que não traria nada de novo à vida eclesial. Afinal, instigada a tornar-se missionária por definição, a Igreja marca passo, ensaia, se prepara, discute, mas não realiza aquilo que poderia ser feito. Em suas visitas à América Latina, o Papa latino-americano tem constantemente criticado o episcopado por seu marasmo, por sua falta de iniciativa e de criatividade⁸. O Papa da tradição teológica latino-americana não vê a Igreja latino-americana em seu compasso, não a percebe seguindo suas convocações, não a vê em saída. E pensar que há tempos éramos exatamente assim, e nos foi exigido que fôssemos diferentes.

É verdade que, logo depois de Aparecida, muito se falou em missão. Houve até o projeto de “missão continental”, que esbarrou em diversas dificuldades e até hoje ainda não trouxe frutos de conversão para a Igreja. Aqui no Brasil, há pouco, vivemos, no eco de

⁸ Por exemplo, Discurso do Papa Francisco aos dirigentes do Celam, de 28 de julho de 2013, disponível em <<http://papa.cancaonova.com/discurso-do-papa-francisco-aos-dirigentes-do-celam>>, acesso em 06 de maio de 2016; ainda Discurso do Papa aos bispos mexicanos, de 13 de fevereiro de 2016, disponível em <http://br.radiovaticana.va/news/2016/02/13/%C3%ADntegra_discurso_do_papa_aos_bispos_mexicanos/1208390>, acesso em 06 de maio de 2016.

Aparecida, um momento de discussão sobre a paróquia como “comunidade de comunidades”, mas sua estrutura não foi renovada em sua essência, salvo em alguns lugares bem determinados. Muitos dos bispos latino-americanos ainda preferem entender a convocação de Aparecida como um incentivo à “missão permanente” da Igreja, traduzindo assim aquele pedido para que estivesse em permanente estado de missão. A diferença é exatamente esta: se prefere a pastoral de manutenção a uma pastoral em saída.

Muitas razões são aventadas para explicar o que acontece, desde a psicologia que fala de medo e busca de seguranças, até críticas ao modelo de formação clerical, à forma de nomeação dos bispos ou a perspectivas ultrapassadas de espiritualidade. Fato é que a Igreja latino-americana não tem se colocado em estado permanente de missão e menos ainda em saída ao encontro das periferias geográficas e existenciais. O processo de conversão ainda não terminou, se é que começou. Dominados que estamos por movimentos eclesiais frutos da sociedade individualista onde vivemos, habituamo-nos a pensar o cristianismo em perspectivas individuais, incluindo aí os caminhos de santidade. A dimensão coletiva do Reino de Deus nos incomoda, para dizer o mínimo.

Mudança de mentalidade, volta ao ponto de partida, transformação dos comportamentos para superação do pecado, incluindo o pecado coletivo e o estrutural, esse o processo de conversão eclesial que ainda é preciso ser vivido. É isso que significa conversão. Retomar a perspectiva do Reino de Deus e compreendê-lo, assim como a Igreja, a partir da opção preferencial pelos pobres é a convocação que nos é feita pelo Papa Francisco, e isso é terreno por onde já caminhamos, nós mesmos já abrimos trilhas nestas paragens, nós mesmos as apresentamos aos irmãos e irmãs de outras regiões, e porque não somos capazes de reencontrar este Espírito, porque continuamos dominados por posições outras? Eis a pertinência ao se falar de *conversão*.

O ano da misericórdia parece propício para a conversão. Muito se falou já, sobretudo no período de quaresma, da necessidade de conversão, penitência e reconciliação. Muito falamos no tempo pascal de voltarmos à graça batismal. Talvez seja o momento efetivo para experimentar a conversão. É espantoso como em muitos lugares o Ano Santo da Misericórdia permanece ritualizado em portas, peregrinações e indulgências, e não produz no ânimo dos cristãos aquilo para o que foi proclamado: a ida ao encontro dos

que sofrem, dos famintos, dos sedentos, dos necessitados de todos os tipos e lugares. Compreendamos a conversão da maneira que for, ainda resta vivê-la. Para isso somos chamados. Melhor ainda se a compreendermos em sentido amplo e inclusivo: como mudança de mentalidade para pensarmos segundo os critérios do Deus que privilegia os pobres; como retomada do ponto inicial para que o caminho seja refeito; como prática da superação do pecado da pasmaceira, do conformismo e do bem-estar. E que com isso consigamos ser uma igreja em saída, convertida e *semper reformanda*.

Referências Bibliográficas

Dicionário de Mística. São Paulo: Loyola / Paulus, 2003

Ermanno ANCILLI, *Dicionário de Espiritualidade – vol. 1*. São Paulo: Paulinas / Loyola, 2012.

Jean-Yves LACOSTE, *Dicionário Crítico de Teologia*. São Paulo: Paulinas / Loyola, 2004;

João Décio PASSOS, “Conversão pastoral: desafios de renovação da Igreja”, *Vida Pastoral*, 2015. Disponível em <<http://www.vidapastoral.com.br/artigos/eclesiologia/conversao-pastoral-desafios-de-renovacao-da-igreja/>>. Acesso em 06 de maio de 2016.

Jon SOBRINO, “Seguimento de Jesus”, p. 772. In: FLORISTÁN SAMANES, C.; TAMAYO, J. J.(orgs), *Dicionário de conceitos fundamentais do cristianismo*, Paulus, 1999, pp. 771-775.

José Luiz Gonzaga do PRADO, “Paróquia, rede de comunidades – a conversão pastoral”, *Vida Pastoral*, 01/2014. Disponível em <<http://www.vidapastoral.com.br/artigos/eclesiologia/parouquia-rede-de-comunidades-a-conversao-pastoral/>>. Acesso em 06 de maio de 2016.

Conversão pastoral da Igreja

Cleto Caliman, SDB

1. O que aconteceu ao redor do Concílio Vaticano II tem importância capital para a Igreja no s. XXI. De fato, foi nesse tempo que emergiu para todos nós a consciência das transformações que incidem na configuração de uma nova época da história do mundo e da Igreja. Por isso, dizemos que não estamos simplesmente numa “época de mudanças”, mas numa “mudança de época”, como nos diz explicitamente o Documento de Aparecida (2007, no. 44).

2. Essa “mudança de época” significa, em termos do mundo ocidental, “o fim da era constantiniana” (M.-D. CHENU, em: *La Parole de Dieu II. L'Évangile dans le Temps* (1961). Nesse longo tempo histórico vivido pelo cristianismo desde o s. IV e que vai se extinguindo aos poucos desde os albores da modernidade no s. XIV até, praticamente, às vésperas do Concílio Vaticano II (cerca de 1600 anos!), entre os tantos fenômenos ligados à sociedade e à Igreja, ocorreu a formação da cristandade medieval e sua decadência (cf. DAWSON Ch. *A Formação da Cristandade e A Divisão da Cristandade*. São Paulo: É Realizações Editora, 2014). Fechado o ciclo, deixamos para trás a situação de *posse tranquila do espaço cultural*, a “cultura cristã”. Era o tempo da cristandade. Nessa situação prevalece a “homogeneidade cristã” (ou católica). Nos tempos modernos a Igreja se confronta com dois adversários: a Reforma protestante, a partir do séc. 16, e o mundo moderno em ascensão, que se impõe a partir do séc. 18. A consequência dessa nova situação foi o isolamento político da Igreja. Na nova situação, a Igreja católica se retrai sobre si mesma numa forte articulação apologética, como “sociedade perfeita”.

3. Quando os bispos latino-americanos e caribenhos afirmam em Aparecida (2007) a necessidade de uma “conversão pastoral”, que “exige que se vá “além de uma pastoral de mera conservação para uma pastoral decididamente missionária” (no. 370), aflora no nível da própria direção da Igreja no Continente a consciência de que, na verdade, estamos sob a pressão de uma “mudança de época”, ou seja, o fim da era constantiniana. Não bastam simplesmente iniciativas administrativas (cf. EG, 201). É necessário colocar a Igreja “em estado permanente de missão”, ideia que já aparece em Aparecida (no. 551). Por isso,

dizemos que emerge uma nova consciência missionária na igreja, agora na consciência de seus dirigentes.

4. Nessa nova situação aparecem também novos desafios. Enunciamos alguns que nos parecem mais urgentes enfrentar:

- o individualismo moderno e pós-moderno. Ele mina o compromisso comunitário, essencial à vida cristã, como constitutivo da fé compartilhada na comunidade dos fieis;

- o pluralismo cultural e religioso. Ele nos pressiona a buscar uma nova compreensão quer da cultura quer da religião, por exemplo, na questão essencial da salvação. Tivemos que proceder a uma interpretação mais aberta do adágio teológico clássico *fora da Igreja não há salvação* (cf. CALIMAN C. Povo de Deus/Igreja. Em: PASSOS. J. D.; SANCHEZ W. L. *Dicionário do Concílio Vaticano II*. 2015, p. 762-764);

- além do mais, se configura em nosso mundo moderno e pós-moderno uma “era secular” (cf. TAYLOR Charles, *Uma Era secular*. São Leopoldo: ed. Unisinos, 2008). Essa temática não tem entre nós, sobretudo dentro da Igreja Católica, uma interpretação unívoca. Ao contrário, no espaço pluralista de nosso tempo, divergimos na sua leitura. Alguns leem a secularização de modo, digamos, pejorativo; outros discernem nela um sentido positivo a partir da tradição bíblico-cristã, que acolhe uma teologia da criação distinta da divindade e que professa a fé na Encarnação do Filho de Deus.

5. Mas entre os desafios não podemos esquecer a contradição maior do nosso tempo. Com todos os avanços científicos e tecnológicos, que potencializam a globalização econômica e condicionam uma “cultura tecnológica”, midiática em nível planetário, a humanidade não consegue superar o fosso entre a minoria rica e a maioria empobrecida e excluída. Essa contradição foi o núcleo forte da Teologia latino-americana da Libertação. Ela está no nosso dia-a-dia, tão gritante que nossos bispos, já na Conferência de Medellín (1968) proclamavam: “esta miséria, como fato coletivo, é injustiça que brada aos céus” (Justiça, 1). Ela se manifesta no contraste entre a “cultura da satisfação imediata”, própria dos tempos pós-modernos, e a “cultura da sobrevivência” dos que mal conseguem sobreviver. E são mais do que milhões. São bilhões em nosso planeta!

6. O que nos pede o Papa Francisco, sobretudo na *Evangelii Gaudium*? Uma Igreja “em saída”. Não uma Igreja fechada sobre o seu pequeno mundo religioso, no pequeno

gozo do cotidiano, numa expressão popular, olhando para o próprio umbigo; mas uma Igreja que abre seu olhar sobre o vasto mundo em que se dão os conflitos que afligem os pobres e determinam sua vida. Segundo o Papa Francisco, só uma comunidade eclesial capaz de “sujar as mãos” responde a esse desafio.

Tempo e temas de Francisco

Rosana Manzini⁹

I. tempo de Francisco

Quando me foi proposto o tema, fiquei refletindo sobre o que poderíamos entender com a expressão “Tempo de Francisco”, e pensei em duas possibilidades: pensar o “Tempo de Francisco”, como uma análise da situação mundial onde este papado se desenvolve e uma segunda possibilidade que seria o “Tempo de Francisco” como ele se perceberia dentro do seu tempo, e nele sua missão.

A. Tempo de desumanização

Na primeira possibilidade nos encontramos diante de realidade onde nos deparamos com situações de grandes e graves contrastes sociais, econômicos e políticos, e isto atinge também a visão da religiosidade dessa época. Vivemos em uma sociedade cada vez mais desigual que, apesar de todo avanço científico, acaba por excluir grande parte da população, tanto da produção como do acesso aos produtos; que supervaloriza a emoção fugaz e o imediatismo; época onde a liberdade sem limites é compreendida como valor absoluto e único que acaba por envolver toda a existência humana¹⁰; época onde a dignidade humana se tornou volátil e mercantilizada como qualquer produto descartável. Um mundo de grandes maiorias em situação de pobreza extrema, o drama de um sistema econômico de exclusão que determina o político; uma realidade de violência de todo gênero, a corrupção pública e privada que permeia todo o tecido social. E como diz Francisco, uma anti-cultura do descarte, da exclusão e da morte.

⁹ Mestra em Teologia Prática pela PUCSP, Mestrado Canônico pela Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção. Diretora de Operações do Centro Universitário Salesiano (UNISAL) e professora da Unidade PIO XI. Chefe do Departamento de Teologia Prática e professora de Teologia Moral da PUCSP. Coordenadora Geral da REDLAPSI (Rede Latino-americana do Pensamento social da Igreja).

¹⁰ Não se trata aqui da autêntica liberdade que, conjugada com a vida, é um valor absoluto. Ao falar de “liberdade sem limites” entendemos a raiz do individualismo moderno, que acaba por minar a relacionalidade tornando-se, assim, um antivalor que coloca em risco a vida. Isto se verifica, por exemplo, na questão ambiental.

Tudo isso não deixa a Igreja isenta, vivemos uma Igreja que em muitos lugares vive um silêncio perigoso, que se opõe às orientações do Santo Padre. Grupos que confundem o pensamento dos fieis criando um magistério paralelo

B. Tempo do Guardião!!!

Na segunda possibilidade e mais interessante, é o tempo dele, onde se desenrola uma missão clara, que se revela na homilia da posse do trono de Pedro: Tempo de Francisco: tempo do guardião!!!

Nesta homília Francisco, a partir da figura de José, revela o eixo da missão para o qual foi escolhido:

«José fez como lhe ordenou o anjo do Senhor e recebeu sua esposa» (Mt 1, 24). Nestas palavras, encerra-se já a missão que Deus confia a José: ser casto, guardião. Guardião de quem? De Maria e de Jesus, mas é uma guarda que depois se alarga à Igreja. Como realiza José esta guarda? Com discrição, com humildade, no silêncio, mas com uma presença constante e uma fidelidade total, mesmo quando não consegue entender.

Como vive José a sua vocação de guardião de Maria, de Jesus, da Igreja? Numa constante atenção a Deus, aberto aos seus sinais, disponível mais ao projeto d'Ele que ao seu. E José é «guardião», porque sabe ouvir a Deus, deixa-se guiar pela sua vontade e, por isso mesmo, se mostra ainda mais sensível com as pessoas que lhe estão confiadas, sabe ler com realismo os acontecimentos, está atento àquilo que o rodeia, e toma as decisões mais sensatas.

E quando o homem falha nesta responsabilidade, quando não cuidamos da criação e dos irmãos, então encontra lugar a destruição e o coração fica ressequido. Infelizmente, em cada época da história, existem «Herodes» que tramam desígnios de morte, destroem e deturpam o rosto do homem e da mulher.

Celebramos o início do ministério do novo Bispo de Roma, Sucessor de Pedro, que inclui também um poder. É certo que Jesus Cristo deu um poder a Pedro, mas de que poder se trata? À tríplice pergunta de Jesus a Pedro sobre o amor, segue-se o tríplice convite: apascenta os meus cordeiros, apascenta as minhas ovelhas. Não esqueçamos jamais que o verdadeiro poder é o serviço, e que o próprio Papa, para exercer o poder, deve entrar sempre mais naquele serviço que tem o seu vértice luminoso na Cruz; deve olhar para o serviço humilde, concreto, rico de fé, de São José e, como ele, abrir os braços para guardar todo o Povo de Deus e acolher, com afeto e ternura, a humanidade inteira, especialmente os mais pobres, os mais fracos, os mais pequeninos, aqueles que Mateus descreve no Juízo final sobre a caridade: quem tem fome, sede, é estrangeiro, está nu, doente, na prisão (cf. Mt 25, 31-46). Apenas aqueles que servem com amor são capazes de proteger.

Guardar Jesus com Maria, guardar a criação inteira, guardar toda a pessoa, especialmente a mais pobre, guardarmo-nos a nós mesmos: eis um serviço que o Bispo de Roma está chamado a cumprir, mas para o qual todos nós

estamos chamados, fazendo resplandecer a estrela da esperança: Guardemos com amor aquilo que Deus nos deu!¹¹

II. Temas de Francisco

A. Retomada do Concílio Vaticano II

Em toda prática de Francisco, palavras e atos, percebemos claramente que em seu magistério se dá uma relação nova com o Concílio Vaticano II. Para o Papa o concílio é uma semente viva onde está contido o destino da Igreja e hoje e do amanhã. Podemos verificar isto na ligação que Francisco faz quando abre a Porta Santa e relaciona com as Portas Abertas de uma Igreja que deve sair para além dos muros leoninos, perspectiva e esperança de João XXIII quando da abertura do Vaticano II.

Sem dúvida, o Vaticano II é um tema precioso de seu pontificado, e isso fica evidenciado em sua homília, quando da abertura do Jubileu:

ao cruzar a Porta Santa, queremos também recordar outra porta que, há cinquenta anos, os Padres do Concílio Vaticano II escancararam ao mundo. Esta efeméride não pode lembrar apenas a riqueza dos documentos emanados, que permitem verificar até aos nossos dias o grande progresso que se realizou na fé. Mas o Concílio foi também, e primariamente, um encontro; um verdadeiro encontro entre a Igreja e os homens do nosso tempo. Um encontro marcado pela força do Espírito que impelia a sua Igreja a sair dos baixios que por muitos anos a mantiveram fechada em si mesma, para retomar com entusiasmo o caminho missionário. Era a retomada de um percurso para ir ao encontro de cada homem no lugar onde vive: na sua cidade, na sua casa, no local de trabalho... em qualquer lugar onde houver uma pessoa, a Igreja é chamada a ir lá ter com ela, para lhe levar a alegria do Evangelho e levar a Misericórdia e o perdão de Deus. Trata-se, pois, de um impulso missionário que, depois destas décadas, retomamos com a mesma força e o mesmo entusiasmo. O Jubileu exorta-nos a esta abertura e obriga-nos a não transcurar o espírito que surgiu do Vaticano II, o do Samaritano, como recordou o Beato Paulo VI na conclusão do Concílio.¹²

O Concílio Vaticano II representou uma ousada renovação de toda a Igreja. Foi um novo marco no diálogo com o mundo moderno¹³. Na sua identidade encontramos agora a

¹¹ Homília do Papa Francisco. *Praça de São Pedro, 19 de Março de 2013. Solenidade de São José.* http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2013/documents/papa-francesco_20130319_omelia-inizio-pontificato.html

¹² https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2015/documents/papa-francesco_20151208_giubileo-omelia-apertura.html

¹³ A polissemia do termo “mundo” e sua relevância e frequência em nosso trabalho acadêmico exige esclarecer desde já que utilizaremos a palavra “mundo” na acepção mais comum utilizada no âmbito da Doutrina Social da Igreja, ou seja, “o ambiente social em que vivem as pessoas”. Isto deve ser entendido na atual realidade de separação entre Igreja e Estado, que gerou, a partir do século XX, um “mundo laico”. É

unidade de uma fé construída no diálogo com o *sensus fidei*¹⁴ que está presente no mundo, apesar de não se confundir com ele, mas que existe para a salvação deste mesmo mundo, ao modo de sacramento¹⁵. É a Igreja que se percebe como sacramento universal de salvação, ou seja, da íntima comunhão com Deus e das pessoas entre si¹⁶. Esta Igreja se compreende, então, como presença de serviço estabelecendo a via do diálogo como instrumento para que possa, com toda a humanidade, responder ao desafio da construção de um mundo fraterno e solidário, com sólidas bases na justiça. A humanidade como um todo continuava à procura de respostas. O Concílio Vaticano II abriu as janelas para este mundo carente e aflito. Um mês antes da abertura do concílio, João XXII disse: “A Igreja hoje é sobretudo a Igreja dos pobres”. Este mundo se tornava, assim, o principal interlocutor do Concílio. E o será também para Francisco, que não desconhece as dificuldades da renovação conciliar.

Francisco colocará a pobreza, suas causas e consequências ao centro do seu pontificado. Um pontificado entendido como serviço.

B. O confessar a Fé e o seu agir no mundo

Existe uma conexão íntima, profunda, entre o que professamos e a realidade social. Quando isso não ocorre instala-se o divórcio entre Fé e Vida, e esse desastre temos verificado neste tempo, de modo que uma fragmentação eclesial é facilmente verificável.

Francisco fundamenta o confessar a Fé e suas consequências no Agir a partir da própria Trindade Santa:

178. Confessar um Pai que ama infinitamente cada ser humano implica descobrir que «assim lhe confere uma dignidade infinita».[141] Confessar que o Filho de Deus assumiu a nossa carne humana significa que cada pessoa humana foi elevada até ao próprio coração de Deus. Confessar que Jesus deu

com este mundo, que se entende independente do “mundo eclesial”, que a Igreja encontra o desafio de dialogar. Poderíamos, assim, falar de “mundo da política”, “mundo da cultura”, “mundo da economia” etc. Não utilizaremos acepções bíblicas como aparece no Evangelho de João, ou mesmo no mito da Criação de Gênesis, pois são de outra natureza que não encontram nexo de relevância em nosso trabalho acadêmico.

¹⁴ Cf. LG 31-32.

¹⁵ Cf. GS 92.

¹⁶ Cf. LG 1. No mesmo lugar, o texto que abre este documento conciliar, afirma literalmente, de modo programático: “Mas porque a Igreja, em Cristo, é como que o sacramento, ou sinal, e o instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o gênero humano, pretende ela, na sequência dos anteriores Concílios, pôr de manifesto com maior insistência, aos fiéis e a todo o mundo, a sua natureza e missão universal. E as condições do nosso tempo tornam ainda mais urgentes este dever da Igreja, para que deste modo os homens todos, hoje mais estreitamente ligados uns aos outros, pelos diversos laços sociais, técnicos e culturais, alcancem também a plena unidade em Cristo”.

o seu sangue por nós impede-nos de ter qualquer dúvida acerca do amor sem limites que enobrece todo o ser humano. A sua redenção tem um sentido social, porque «Deus, em Cristo, não redime somente a pessoa individual, mas também as relações sociais entre os homens».[142] Confessar que o Espírito Santo atua em todos implica reconhecer que Ele procura permear toda a situação humana e todos os vínculos sociais: «O Espírito Santo possui uma inventiva infinita, própria da mente divina, que sabe prover a desfazer os nós das vicissitudes humanas mais complexas e impenetráveis».[143] A evangelização procura colaborar também com esta ação libertadora do Espírito. O próprio mistério da Trindade nos recorda que somos criados à imagem desta comunhão divina, pelo que não podemos realizar-nos nem salvar-nos sozinhos. A partir do coração do Evangelho, reconhecemos a conexão íntima que existe entre evangelização e promoção humana, que se deve necessariamente exprimir e desenvolver em toda a ação evangelizadora. A aceitação do primeiro anúncio, que convida a deixar-se amar por Deus e a amá-Lo com o amor que Ele mesmo nos comunica, provoca na vida da pessoa e nas suas ações uma primeira e fundamental reação: desejar, procurar e ter a peito o bem dos outros.¹⁷

C. Os pobres no tempo de Francisco

Neste pontificado os pobres não são mais um tema proposto, mas se torna o coração da missão, do pensamento e a prioridade de Francisco. Sendo um pontificado de serviço da caridade, o Santo Padre traz para o coração da Igreja, de modo efetivo a irrenunciável tarefa evangélica: *Sempre que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, a Mim mesmo o fizestes* (Mt 25,40).

Somos todos e todas chamados a responder essa árdua tarefa de escutar o clamor dos pobres, e não só escutá-los, mas responder a partir de uma *metanoia* pessoal, que leve a busca incessante de uma transformação deste sistema excludente. Por um bom tempo a palavra “pobre” permaneceu quase que “proibida”. Defender os pobres, para muitos, ficou ligada a linhas ideológicas. Francisco não só resgata a essência evangélica através de suas catequeses, mas, principalmente, vive o que crê e prega. O agir do Papa coloca em cheque o agir de toda a Igreja. Tempo de Francisco, Tempo de conversão.

Francisco não deixa nenhuma margem de dúvidas sobre nosso dever, como imperativo moral, sobre a questão da Dignidade Humana e sua negação na vida dos pobres: *É uma mensagem tão clara, tão direta, tão simples e eloquente que nenhuma hermenêutica eclesial tem o direito de relativizar* (EG 194). Porque *para a Igreja, a opção pelos pobres é mais uma categoria teológica que cultural, sociológica,*

¹⁷ FRANCISCO, *Evangelii Gaudium*, nº 178

política ou filosófica (EG 198).

D. A Paz como fruto do cuidado da Casa Comum

Para o Papa a paz está ligada com a tarefa de desenvolver uma cultura do encontro (EG 220). Ele propõe 4 pontos de reflexão e ação:

1. “O tempo é superior ao espaço”, ou seja, viver com perspectiva de futuro;
2. “A unidade prevalece sobre o conflito”, que é “é aceitar suportar o conflito, resolvê-lo e transformá-lo no elo de ligação de um novo processo.” (EG 227);
3. “A realidade é mais importante do que a ideia”, porque “a ideia - as elaborações conceituais - está ao serviço da captação, compreensão e condução da realidade.” (EG 232), de tal modo que “este critério impele-nos a pôr em prática a Palavra, a realizar obras de justiça e caridade nas quais se torne fecunda esta Palavra.” (EG 233); e, por último;
4. “O todo é superior à parte”, pelo que “não se deve viver demasiado obcecado por questões limitadas e particulares. É preciso alargar sempre o olhar para reconhecer um bem maior que trará benefícios a todos nós.” (EG 235).

“Neste momento, existem sobretudo três campos de diálogo onde a Igreja deve estar presente, cumprindo um serviço a favor do pleno desenvolvimento do ser humano e procurando o bem comum: o diálogo com os Estados, com a sociedade – que inclui o diálogo com as culturas e as ciências – e com os outros crentes que não fazem parte da Igreja Católica” (EG 238).

E. Tema e tempo de misericórdia

Na concepção de Francisco sobre a misericórdia subsistem todas as grandes expressões que surgiram nesse pontificado: “Igreja em saída”, “Igreja hospital de campanha” ... Todas elas se encontram neste tema que se torna tempo, uma compreensão da misericórdia do Pai que a todos acolhe, que a todos redime e que nos lança num mergulho no mistério do amor.

E nesse amor nos lançamos percorrendo as estradas do mundo, indo em direção aos chagados do mundo, aqueles principalmente que estão para além das linhas de exclusão, oferecendo o cuidado das suas feridas e a misericórdia que resta a dignidade. Esse deveria ser o eixo articulador de toda atividade pastoral. Uma Igreja que finalmente acolhe, fazendo do mundo uma praça do encontro, criando a partir de si uma cultura do encontro.

Conclusão: Francisco o guardião da misericórdia

Concluindo, podemos afirmar que Francisco “é hoje para a Igreja o Guardião da Misericórdia” e nos abre a porta para uma nova evangelização. Ele nos mostra que Deus não está dentro das nossas regras de justiça, mas sim na caridade. Uma misericórdia que nos leva encontrar Jesus nos pobres, nos famintos, nos refugiados, nos desesperados, no povo em situação de rua, naqueles que mais necessitam. E isso deveria nos levar a ser uma Igreja pobre para os pobres, com as portas abertas, missionária.

Queria finalizar com uma história:

O casulo e a borboleta

Duas lagartas teceram cada uma o seu casulo. Naquele ambiente protegido e seguro se transformaram em duas lindas borboletas. Quando chegou a hora de deixarem o casulo e saírem para voar livremente, uma delas, sentindo-se frágil e pequena, começou a pensar que a vida lá fora tinha muitos perigos. Pensou que poderia ser presa por um colecionador, ou despedaçada, ou mesmo comida por um pássaro; que talvez um raio pudesse lhe atingir e, além disso, poderia molhar suas pequeninas asas na chuva. A primavera está acabando. Aonde iria encontrar o néctar? A borboleta tinha medo e tinha razões para tê-lo e assim decidiu não voar. Preferiu a segurança do casulo. Porém, ali ela não teria como sobreviver, pois era tempo de sair. O casulo a manteve segura pelo tempo necessário para a sua formação. Resultado: morreu desnutrida, sem alimento e enclausurada pelo mundo que ela mesma tinha construído. A outra borboleta também tinha medo. Sabia que muitas borboletas morriam no primeiro dia de vôo. Mas amou a liberdade mais que os todos os medos e assim partiu em direção a todos os perigos. Preferiu ir em busca da única coisa que determinava sua essência¹⁸.

É preciso voar em busca da nossa essência. É preciso uma Igreja que busque, incansavelmente, sua essência. Francisco está sendo para a Igreja a borboleta que decidiu enfrentar todos os perigos, todas as ameaças em busca de viver e mostrar com seus gestos e atitudes a essência de uma Igreja que pela sua natureza jamais poderá deixar de dialogar com o mundo em qualquer momento de sua história; uma Igreja que deverá renunciar à

¹⁸ CURY Augusto, *O vendedor de sonhos*, cap.25. Audiobook.Ed. Plugme.2009.

segurança de seu casulo, tecido por séculos de história e se lançar como rede viva nas mãos do Pescador; uma Igreja que deverá ter a coragem necessária de testemunhar o Amor maior diante de todas as tentações de poder e de glória. Uma Igreja solidária que se faz pequena junto com pequenos. Uma Igreja que não tenha medo da cruz. Uma Igreja que estabeleça vínculos fundamentados na vida plena que o Cristo Mestre propôs.

Uma Igreja Samaritana

Na Parábola do Bom Samaritano encontramos no início do texto, um doutor da lei que pergunta a Jesus sobre o que ele devia fazer para ganhar a vida eterna. Jesus responde com outra pergunta: *Que está escrito na lei? Como é que lê?* Deparamo-nos com uma grande inquietação. O modo como lemos o texto sagrado poderá, ou não nos conduzir a um modo de agir que corresponda às exigências reais do seguimento levando a construção do Reino. O lugar teológico de onde possamos responder a interrogação feita por Jesus determinará nossa resposta. A questão que nos inquieta teologicamente neste episódio e em toda a vida de Jesus é que ele não anunciou a si mesmo, mas ao Reino. É claro que concordamos que o Reino se identifica com a sua pessoa, porém a dinâmica deste anúncio passa pela alteridade, pela relacionalidade, pela solidariedade. Esta é a grande intuição de Francisco. A Igreja se arrisca solidariamente no diálogo com o mundo. E o que Francisco insiste em nos dizer é que podemos ser uma “Igreja boa”; podemos ser uma “Igreja observante da lei”; podemos até ser muito “católicos”, mas somente seremos verdadeiramente cristãos se formos uma Igreja-samaritana, que tem coragem de “esquecer-se de si”, “vender” seus bens, optar pelos pobres e assumir a profecia como estilo de vida. Isto é uma “Igreja que ama”!

Às vezes queremos voltar para nosso casulo. Seria mais cômodo, porém mortal. O imperativo - *segue-me!* - continua sendo o desafio para todos na construção do Reino.

Muitas borboletas decidiram voar. Francisco em sua fantástica liberdade, voa!!! A história humana é marcada por tantos que não se escusaram de sua responsabilidade de dar vida a este mundo. Recusamo-nos a morrer no casulo que nega a vida.

Com Francisco a Igreja dos nossos sonhos continua a ser construída e, com ela, a nossa capacidade de sonhar. Nosso sonho não é utópico, porque não caminhamos para

lugar nenhum. Nosso *topos* é a terra da promessa. Como diz a canção que animou tantas lutas populares: “Irá chegar um novo dia; um novo céu, uma nova terra...”¹⁹.

Nossos sonhos se fundamentam nas palavras do Cristo que disse: *eis que faço novas todas as coisas*. Que o Bom Deus, proteja nosso Guardiao da Misericórdia para que ele continue nos indicando que Outro mundo é possível; e que outro jeito de ser Igreja também!

¹⁹ Canção de Vera Lúcia Nascimento.

Tempo e temas de Francisco

Manoel Godoy²⁰

Falar em tempo nos remete aos vários sentidos desse vocábulo, que em grego percebemos melhor sua polissemia. Tempo é mais comumente relacionado ao conceito de *Chrónos*: o tempo das horas e datas, dos relógios e calendários. Como afirma o teólogo dominicano Albert Nolan: “O tempo é concebido como um espaço vazio medido e numerado que pode ser preenchido com eventos de maior ou menor importância”. Assim sendo, *Chrónos* é um tempo quantificado.

Tempo também pode ser *Kairós*. Pela mitologia grega, *Kairós* era filho de *Chrónos*, deus do tempo e das estações. Ao contrário de seu pai, *Kairós* expressava uma ideia metafórica do tempo, tornando esse indeterminável e imensurável; uma oportunidade ou ocasião certa para determinada coisa. *Kairós* é um momento oportuno único, que pode estar presente dentro do espaço de um tempo físico, determinado por *Chrónos*, ainda segundo a mitologia grega. *Kairós* seria o período ideal para a realização de uma coisa específica, que pode ser um objeto, processo ou contexto.

Enquanto *Chrónos* é o tempo quantificável, *Kairós* é o tempo enquanto qualidade. Vemos isso magnificamente expresso em Eclesiastes 3,1-8 e era assim que o povo hebreu concebia o tempo: “Há um momento para tudo e um tempo para todo propósito debaixo do céu”. Para designar os tempos oportunos ou inoportunos, usamos várias analogias. Quem nunca ouviu dizer: “O mar não está pra peixe”; “céu de brigadeiro”; “inferno astral”; “inverno eclesial” e outras? São expressões que qualificam o tempo e nos indicam se ele é ou não favorável para dada ação.

Porém, nem tudo é *Kairós*. Na literatura bíblica, a expressão *kairós* é usada apenas para designar um acontecimento significativo para o povo de Deus. No cotidiano da vida, quando o tempo não traz nada de novo, nem apresenta um graça especial, o povo diz *Chrónos*, aquele tempo comum que em que a gente conta os minutos, as horas, os dias, as semanas, os meses, os anos.... Em outras palavras, o ordinário da história era sempre *Chrónos* e o extraordinário um *Kairós*. O tempo do

²⁰ Professor de teologia pastoral no ISTA.

Verbo encarnado na história pode ser exemplo máximo de *Kairós*; um acontecimento único e irrepetível: tempo da graça!

Tempo também pode ser *Eschaton* que na visão de Nolan, “em termos simples, é um evento que se situa num futuro próximo, um ato de Deus, que determina a qualidade, a atmosfera moral e a seriedade do nosso tempo presente – ou seja, ele transforma o momento presente em uma modalidade particular de *Kairós*”. No prisma da Páscoa cristã, *Eschaton* é como um abrir as portas para um novo tempo, outra vez sem medida e sem contornos definidos, portanto longe da desesperança, do sentimento de finitude imposta. *Eschaton*, portanto, é um acontecimento qualitativa e radicalmente novo.

A expressão *Eschaton* na bíblia está relacionada com a tradição profética, que a associava a um tempo de acerto de contas, tornando o *Eschaton* uma boa nova para os pobres, mas ruína e perdição para os ímpios, aqueles que oprimiam os pobres aproveitando-se da fragilidade deles. Nessa perspectiva, um *Kairós* se configura como um tempo de graça, uma oportunidade única para a conversão, para não ser surpreendido pelo dia do ajuste de contas. Pode-se dizer que *Eschaton* é o dia da libertação e *Kairós* é o momento oportuno para a conversão e o regozijo diante da graça de Deus.

O tempo de Francisco pode ser relacionado ao *Chrónos*, ao *Kairós* e ao *Eschaton*. Seu tempo cronológico é curto, ele já não é novo, tem quase 80 anos (17/12/36), mas pode ser um espaço único e oportuno, ou seja, um *Kairós*, o tempo necessário para tomar decisões significativas e profundas dando rumos novos à Igreja. E porque não pensarmos o tempo de Francisco também em chave de *Eschaton*, como na bíblia? Seu magistério é também um tempo de acerto de contas, ou seja, um tempo de ajuste dos pesos e das medidas que cada cristão e a igreja como um todo tem usado para fazer seu caminho cristão. Quando assumiu seu ministério como Papa, a Igreja passava por um momento de crise muito difícil, com muitos escândalos envolvendo desde denúncias de pedofilia até corrupção financeira no Vaticano, que culminou com a renúncia histórica do Papa Bento XVI.

O tempo de Francisco pode, então, significar o tempo que a Igreja tem hoje para vivenciar sua experiência de fé e assumir a sua missão de transmissão a presença do Ressuscitado ao mundo; tempo de rever seus processos e acertar o passo com a história. Nesse caso, tempo pode e deve ganhar sempre um adjetivo: oportuno, decisivo, único.

O teólogo espanhol, José Antonio Pagola, afirmou numa de suas mais recentes publicações que “nos países europeus estamos vivendo tempos decisivos para o futuro da fé entre nós”. Será que seria somente nos países europeus? E por aqui no Brasil? Também não experimentamos algo semelhante?

É claro que os desafios têm nuances diferentes para quem já experimentou uma avalanche secularista e para quem vive mergulhado num ambiente religioso nebuloso, como o nosso. Porém, olhando mais a fundo, será que a mudança sociocultural não se configura nos nossos dias como um fenômeno global, sem fronteiras?

Bem há pouco tempo, nascíamos mergulhados numa cultura bastante homogênea, que servia como mediação para a vivência da fé em moldes católicos. Ser brasileiro quase coincidia com o ser católico. Hoje, estamos diante do desafio da escolha do modo de vivenciar nossa fé. É tempo das opções, pois o mundo hoje é plural, multirreferencial!

O pluralismo tem o seu lado desafiador e empolgante para quem o vê como uma possibilidade de conseguir sua autonomia de voo; é bastante libertador, pois nos coloca diariamente frente a múltiplas escolhas. Porém, a Instituição Católica, acostumada a ser uma opção quase absoluta, acomodou-se, tornou-se velha e antiquada, não se preparou para esse contexto plural e se vê hoje desafiada nos seus métodos de transmissão de fé.

Sendo assim, há um indiferentismo de um lado (Europa) e de outro um excesso de ofertas (nosso contexto). Como empolgar a uns e a outros oferecer critérios seguros para a vivência atualizada da fé cristã?

Aqui entra o meu segundo ponto de observação, passando do tempo para o tema. Francisco tem configurado nos seus escritos, gestos e falas numa proposta bastante clara: “Voltar à fonte e recuperar o frescor original do Evangelho”. Essa proposta é feita sob a marca das palavras *gaudium*, *laetitia*; ou seja, uma volta alegre, destemida, com coragem e ânimo; sem medo de falhar, de se enlamear no barro da história.

Para alguns incrédulos, essa proposta de Francisco se aproxima do desafio que Jesus faz a Nicodemos, do qual recebe como resposta: “Como pode um homem nascer, sendo velho? Pode, porventura, tornar a entrar no ventre de sua mãe, e nascer?” (Jo 3,4). Há mesmo quem aposte que no *pós-Francisco* tudo se acomode outra vez no lugar de sempre, dispensando a todos do esforço de nascer de novo.

Já vivemos um tempo onde o frescor da proposta do Reino, trazida por Jesus, foi forte e empolgante. Vivemos nesse clima nos primeiros anos do pós-Concílio Vaticano II. Essa tentativa de tirar o pó da Igreja, de renovar-lhe os ares, foi abafada e experimentamos nas últimas décadas não mais o frescor do Evangelho, mas o esborrifo de um spray paralisante, conhecido como projeto de restauração, que quer conduzir a Igreja com os olhos fixos no retrovisor da história.

Francisco entra na história como aquele que tem de conduzir a Igreja imersa nos desafios da mudança sociocultural e tirá-la da reação de autodefesa, da opção pelo restauracionismo e da passividade generalizada do povo de Deus.

Vencer os esquemas enfadonhos provocados pelo centralismo para inaugurar um tempo sem impedimentos nem receios. “Mais do que o temor de falhar, espero que nos mova o medo de nos encerrarmos nas estruturas que nos dão uma falsa proteção, nas normas que nos transformam em juízes implacáveis, nos hábitos em que nos sentimos tranquilos, enquanto lá fora há uma multidão faminta e Jesus repete-nos sem cessar: “Dai-lhes vós mesmos de comer” (EG 49).

Para assumirmos uma proposta arrojada de devolver à Igreja o frescor do Evangelho, nas palavras de um pastoralista, precisamos vencer *três desafios*: o da *teologia do pano*, que nos remete ao arcaico-fashion das passarelas dos grandes templos tão em voga; o da *liturgia da fumaça*, que nos sufoca com o seu odor nem tanto por causa dos incensos, mas do suor da prática excessiva de aeróbica nos templos e a *pastoral dos prodígios*, que reduz a fé à dimensão terapêutica, a religião de autoajuda, ou seja, de instrumentalizar Deus e a fé, colocando-os a serviço de nossa prosperidade e bem-estar.

Voltar a Jesus e ao seu Evangelho, na proposta de Francisco, significa liberar a força do evangelho aprisionada pela crise religiosa, pela crise institucional; buscar o

contato direto e imediato com o evangelho, acolher juntos a alegria do evangelho, entrar pelo caminho aberto por Jesus e ter a fé dele como estilo de vida. Assim, vai se tornando claro que entrar no seguimento de Jesus é assumir o seu projeto de instaurar o Reino de seu Pai.

Restam-nos alguns questionamentos:

a. Como *chrónos*, o tempo de Francisco é curto. Terá ele colocado algumas balizas capazes de, não só abrir, mas rachar mesmo o que nos parece tão compacto da instituição, a ponto de o seu sucessor ter, pelo menos, dificuldade de voltar a guiar a Igreja com os pés no freio e os olhos no retrovisor?

2. Como *kairós*, será que as marcas de Francisco são suficientemente fortes e seguras para nos garantir frutos duradouros? Será que esse *Kairós* está sendo acolhido por nós como oportunidade da volta a Jesus e ao frescor do evangelho? A sua presença *kairótica* tem nos marcado e se tornado decisiva para nós hoje?

3. Como *escathon*, será que entendemos a urgência das mudanças iniciadas por Francisco? Podemos ajudar Francisco nesse ajuste de contas que ele deseja fazer, aproveitando a crise que a Instituição Igreja vive como *escathon*, tempo de dores e crises, mas também de fecundidade e vida?

Perpassando a história, podemos constatar que os processos eclesiais só sobrevivem quando se alicerçam na autoridade da verdade, quando as decisões têm o sabor das autênticas mediações da ação do Espírito, quando se tem por base o próprio Jesus e seu Evangelho. E, a meu ver, está aqui o segredo do sucesso do Papa Francisco. Que Deus nos ajude a abraçar os temas de Francisco e a viver com intensidade esse tempo de sua presença misericordiosa entre nós!

Igreja em saída: para onde?

Pe. Jaldemir Vitório SJ²¹

Introdução

A Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* do Papa Francisco, de 24 de novembro de 2013, depois da Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi* do Papa Paulo VI, de 8 de dezembro de 1985, quiçá, seja o documento eclesial mais importante, no tocante ao tema da vocação missionária da Igreja. Francisco, com seu modo característico de falar, desprovido das filigranas da linguagem curial vaticana, convoca a Igreja a uma verdadeira conversão pastoral. Superando o comodismo, a Igreja deve ser colocar “em saída” – “primeirizar” – “envolver-se”, de modo que os evangelizadores contraiam o “cheiro de ovelha”, e as ovelhas escutem a sua voz (EG 24).

Este Colóquio acolhe o desafio de Francisco e me propõe a questão: Igreja em saída: para onde? Antes de enfrentá-la, parece-me necessário fazer um percurso, para responder uma série de perguntas prévias, que nos levarão ao ponto de partida da reflexão: a pergunta pelos caminhos da Igreja evangelizadora.

Uma declaração contundente do Papa Francisco servirá de pano de fundo para minha reflexão: “Prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças” (EG 49). Francisco pensa a Igreja “sal da terra”, “luz do mundo” e “fermento na massa”, muito distinta da Igreja *societas perfecta*, em conluio com os poderosos, contaminada pelo vírus antievangélico do egoísmo, do autoritarismo e do liturgismo, com o narcisismo que o acompanha, levando-a a se voltar para si mesma, num fechamento que a torna indigna do nome cristão.

A metáfora de Francisco aponta para o onde da missão dos discípulos do Reino: as estradas acidentadas e enlameadas do mundo, não os caminhos seguros, onde o risco de não se ferir é quase nulo. São estradas a conduzir os missionários à humanidade carente de cuidado, em vista de lhe resgatar a dignidade de filhos e filhas de Deus. “Caminhamos nas estradas de Jesus” é uma das aclamações da 5ª Oração Eucarística. A correlação *lex orandi*

²¹ Professor de Sagradas Escrituras na FAJE

– *lex credendi* exige de nós transformar a liturgia em vida e, realmente, deixar o comodismo e nos lançarmos nas estradas de Jesus, quais peregrinos do Reino, nos passos do Mestre de Nazaré e seus discípulos, nos caminhos poeirentos da Galileia, “pois o Filho do Homem veio buscar e salvar o que estava perdido” (Lc 19,10).

A ideia norteadora desta reflexão será: Francisco quer nos fazer caminhar nas estradas de Jesus! Cabe ao autor da missão indicar-nos o “onde” devemos caminhar. Em muitos casos, o querer do Mestre pode não corresponder às pautas das instituições eclesiais, dos movimentos, dos gurus católicos ou de quem se julga no direito de determinar a missão dos discípulos do Reino, sem a preocupação de se adequar às pautas evangélicas, conhecidas na oração e no discernimento, pessoal e comunitário.

1. Que Igreja deve sair? A identidade da Igreja em saída

Estamos acostumados a falar da Igreja de maneira abstrata, sem raízes espaço-temporais, por conseguinte, sem efetivo enraizamento histórico. A Igreja dos discursos não compromete seus membros, por dizer respeito às altas esferas hierárquicas, em geral, desinteressadas pela dura realidade do povo de Deus. Daí a importância de nos perguntarmos pela identidade da Igreja que se dispõe a sair, em vista da evangelização, assumindo a vocação batismal, com total liberdade em relação ao ministério ordenado, no que tem de clericalista, arrogante, burguês e sem entranhas de misericórdia com a humanidade sofredora, ou seja, os que encarnam o sacerdote e o levita da parábola.

A Igreja “sal que perdeu o sabor” (Mt 5,13) nada tem de importante para comunicar ao mundo e à humanidade. A Igreja dos fanáticos, dos movimentos retrógrados e dos catoliquinhos triviais e assemelhados é melhor que não se ponha a evangelizar, pois lhe falta o carisma evangélico cujo foco é o serviço da misericórdia em favor dos irmãos caídos à beira da estrada.

Espera-se da Igreja em saída que ela seja formada por cristãos e cristãs conscientes de serem Povo de Deus – Corpo de Cristo – Templo do Espírito, em sintonia com a eclesiologia neotestamentária, retomada pelo Concílio Vaticano II, na *Lumen Gentium*. Portanto, evangelizadores com a marca da Trindade! O rosto trinitário da Igreja em saída descortina para os missionários um largo horizonte de ação.

Em primeiro lugar, ao colocá-los nos passos de Deus e de seu povo, fazendo-os estar ali, onde Deus está, como servidores do povo que é de Deus, de modo especial, os empobrecidos e marginalizados, os que nada contam para este mundo, as massas sobrantes, carentes de misericórdia.

Em segundo lugar, ao colocá-los nos passos de Jesus de Nazaré, o ungido de Deus para “evangelizar os pobres, proclamar a remissão aos presos e aos cegos a recuperação da vista, restituir a liberdade aos oprimidos e proclamar um ano da graça do Senhor” (Lc 4,18-19; Is 61,1-2).

Em terceiro lugar, ao abri-los para ação do Espírito Santo que, como “vento que sopra onde quer” (Jo 3,8), os conduz pelos atalhos e veredas de nossa história, os caminhos impérvios a serem trilhados pelos pés dos mensageiros que anunciam o *shalom*, a felicidade e a salvação (Is 52,7).

Sair como Igreja Trinitária significa lançar-se numa aventura imprevisível, provocados a se confrontar, continuamente, com o novo, com o desconcertante, com o desinstalador, com o que desacomoda, por exigir sempre novas respostas, sem jamais se contentar com soluções e esquemas pré-fabricados.

Sair como Igreja Trinitária significa ser criativo e não se intimidar com as surpresas do cotidiano, a exigir o investimento dos dons e carismas, com os quais o Senhor agracia os missionários do Reino.

No início do pontificado, o Papa Francisco deixou claro seu modo de ver a Igreja e como desejava fosse identificada, ao declarar: "Ah, como eu gostaria de uma Igreja pobre e para os pobres". A Igreja pobre faz contraponto à milenar Igreja constantiniana: rica, poderosa, autoritária, impositiva, arrogante, discriminadora, doente do complexo de superioridade, dona da última palavra, em total dissintonia com o Evangelho. Francisco entendeu bem que só uma Igreja pobre e despojada poderá seguir os passos de quem não tinha onde repousar a cabeça (Mt 8,20), nasceu pobrezinho em Belém e, ao morrer, seus últimos pertences foram sorteados entre os algozes (Jo 19,23-24). Daí não ter custado a Jesus compreender que seu lugar natural encontrava-se no meio dos pobres e dos desprezados pela religião, a ponto de escandalizar os adversários, que o acusavam: “Este homem recebe os pecadores e come com eles” (Lc 15,2).

A Igreja só pode evangelizar se se fizer pobre e, como pobre, colocar-se no meio dos empobrecidos, para lhes “proclamar um ano da graça do Senhor” (Lc 4,19). Em outras palavras, Francisco tenta colocar a Igreja Católica nos passos de Jesus de Nazaré, para que esteja ali onde o Mestre esteve, como servidora e anunciadora da alegria do Evangelho.

2. Como sair? O “espírito” da Igreja em saída

A saída supõe dos discípulos missionários serem movidos pelo bom espírito. O bom espírito se torna perceptível nas atitudes, nas palavras e nas ações dos missionários. A primeira delas consiste em ter um coração aberto para acolher o outro e o diferente, em vista do diálogo e da partilha fraterna. O coração aberto possibilita escutar o próximo em seus anseios e carências e gera no missionário a disposição para servir, respondendo com gestos concretos os apelos dos irmãos e das irmãs. Predispõe para sair ao encontro do outro e se deixar interpelar por ele, sem preconceitos nem precondições. Em outras palavras, liberta a liberdade dos missionários e os capacita para caminhar rumo à humanidade em suas necessidades mais prementes.

Outro bom espírito é a abertura para a esperança. Os discípulos missionários fidedignos cultivam a esperança abraâmica que consiste em esperar contra as evidências (Rm 4,18), expressão de uma teimosia virtuosa, contraposta aos profetas da desgraça e do fim. Quando desaparecem todos os motivos para esperar, desponta a autêntica esperança do discípulo missionário, para além dos estreitos horizontes das considerações puramente sociológicas, políticas e, até mesmo, religiosas. Nesse sentido, os discípulos missionários serão sempre homens e mulheres de visão, no sentido bíblico de capacidade de ler a história com o olhar da fé e perceber, em suas entrelinhas, os rastros do Senhor.

O bom espírito prepara os discípulos missionários para enfrentar impávidos os desafios surgidos ao longo da missão sem se deixar abater. Uma metáfora evangélica, posta na boca do Mestre, não dá margens para dúvidas: “Eis que vos envio como ovelha no meio de lobos” (Mt 10,16). Aqui está uma resposta à pergunta de fundo desta reflexão: “Para onde vai a Igreja em saída?” A resposta é: para o confronto com forças hostis do anti-Reino que, como lobo, se lançam sobre os missionários do Reino para devorá-los. Os primeiros cristãos foram exemplares na vivência corajosa da missão, em meio a perseguições de toda sorte. Por isso, depois de terem sido açoitados e proibidos de falar no nome de Jesus,

“deixaram o sinédrio, muito alegres por terem sido julgados dignos de sofrer ultrajes pelo Nome” (At 5,41). Se a mensagem de Jesus chegou até nós, deveu-se à coragem e à fortaleza dos nossos primeiros irmãos e irmãs na fé. O futuro do apostolado cristão está na dependência da disposição dos atuais discípulos missionários de enfrentarem os desafios da missão, sem medo de se confrontar com um mundo hostil, refratário aos valores evangélicos e tendente a eliminar os profetas do Reino, por estarem sempre prontos a “proclamar sobre os telhados” (Lc 12,3) a verdade e a justiça.

3. Sair para quê? Os objetivos visados pela Igreja missionária

O Papa Francisco chama-nos a atenção para algo fundamental na tarefa evangelizadora: o anúncio da alegria. Daqui nasce mais uma resposta para nossa questão de fundo. Os discípulos missionários são enviados para o mundo onde reina tristeza, dor, fracasso, frustração, encurtamento de horizonte e, mais radicalmente, perda do sentido da vida e ausência de razão para viver. Nesse ambiente de negatividade, são chamados a proclamar a alegria da salvação oferecida por Jesus de Nazaré, pela qual o ser humano se torna capaz de enfrentar, de cabeça erguida, os agentes de desumanização, mantendo o olhar fixo no que lhe traz realização: o amor misericordioso, o perdão reconciliador e a prática da justiça. A alegria genuína é um sinal convincente de o ser humano ter encontrado seu eixo existencial. Tal alegria constitui-se numa meta importante da ação missionária.

O encontro com a humanidade sofredora exige dos discípulos missionários a disposição de curar os corações feridos. Numa entrevista concedida às revistas jesuítas da Europa, o Papa Francisco cunhou uma metáfora formidável para falar da Igreja em saída, ou seja, para falar da ação dos discípulos missionários. Afirmou: “Vejo com clareza que aquilo de que a Igreja mais precisa hoje é a capacidade de curar as feridas e de aquecer o coração dos fiéis, a proximidade. Vejo a Igreja como um hospital de campanha depois de uma batalha. É inútil perguntar a um ferido grave se tem o colesterol ou o açúcar altos. Devem curar-se as suas feridas. Depois podemos falar de tudo o resto. Curar as feridas, curar as feridas... E é necessário começar de baixo”. A metáfora de Francisco está calcada na parábola do bom samaritano que, “em viagem”, defrontou-se com um homem semimorto, caído à beira da estrada, “chegou junto dele, viu-o e, movido de compaixão, aproximou-se, cuidou de suas chagas, derramando óleo e vinho” (Lc 10,33-34). Quem era o

homem caído à beira da estrada, senão um desconhecido e, quiçá, um odioso judeu inimigo? Entretanto, nenhum argumento poderia ser tão forte, a ponto levá-lo a imitar a atitude mesquinha do sacerdote e do levita. Os discípulos missionários saem ao encontro da humanidade ferida, carente de atenção e de cuidado. E se dispõem a ter-lhe compaixão, como mediadores do amor de Deus por seus filhos e suas filhas caídos nos desvãos de um mundo onde a vida humana é banalizada e os seres humanos carecem de transcendência.

Meta importante dos discípulos missionários é a comunicação da sabedoria do Reino. Essa consciência é fundamental na ação missionária e exige profunda conversão pastoral. Ao longo de séculos, os evangelizadores impuseram a cultura europeia, branca e católica aos povos considerados pagãos, destinatários de sua ação proselitista. E o faziam pela prescrição de dogmas inquestionáveis, práticas sacramentalistas indispensáveis para se obter o céu e rígidas normas morais com determinações precisas do que se podia ou não fazer, do que era pecado e sua exata ponderação: venial, grave ou mortal, com as respectivas penitências. A confissão auricular servia para controlar as consciências e criar no penitente o complexo de culpa, sem lhe reconhecer o direito de autodeterminação e de fazer escolhas livres diante de Deus. Não! Um código extrínseco e heterônomo lhe era imposto, ao qual devia obedecer, sob pena de sofrer o castigo eterno.

O Papa Francisco contradiz essa prática antievangélica ao pensar a missão da Igreja em total aderência ao projeto missionário de Jesus Cristo, cujo conteúdo era a sabedoria do Reino que, na catequese de Mateus, é chamada “justiça do Reino”. Esta, sim, é condição para se tomar parte do Reino. “Se a vossa justiça não for maior que a justiça dos escribas e dos fariseus, não entrareis no Reino dos Céus” (Mt 5,20). O Sermão da Montanha, que se segue (Mt 5-7), nada mais é do que um projeto de vida – sabedoria –, centrado no Pai e no irmão, a ser praticado no cotidiano dos discípulos de Jesus de Nazaré. A catequese de Lucas foca a misericórdia divina como meta a ser alcançada na busca da sabedoria evangélica – “Sejam misericordiosos, como o vosso Pai é misericordioso” (Lc 6,36). Tal sabedoria, muito distinta dos dogmas abstratos e dos moralismos intransigentes, será o conteúdo da missão dos discípulos do Reino, numa Igreja em saída, em processo de conversão pastoral.

4. Em busca de quem a Igreja sai? Os destinatários da missão da Igreja

A misericórdia tem sido um tema importante no pontificado de Francisco. O lugar do qual “contempla” o mundo e a história, na condição de Papa, permite-o ver os sofrimentos da humanidade, numa profundidade e largueza, possibilitadas a poucas pessoas.

O apelo da misericórdia possibilita-nos responder a questão de fundo – Para onde vai a Igreja em saída? – dizendo que a Igreja deve sair em direção aos últimos desse mundo, os que, como denuncia o Papa Francisco, “a sociedade descarta e lança fora” (EG 195). Se a Igreja missionária passa à margem dos empobrecidos e marginalizados, estará sendo infiel ao seu Senhor, tornando-se surda e desobediente, num detestável cinismo religioso, encontrável num catolicismo burguês e elitista, lenitivo para as consciências dos devotos opressores, ricos e poderosos. Alguns movimentos católicos, mancomunados com bispos e presbíteros contaminados pela ideologia do capitalismo neoliberal, têm se prestado a tal desserviço ao Evangelho. Ao desprezarem olímpicamente o testemunho profético de Francisco, dão origem a um cisma velado em nossa Igreja.

O exemplo fulgurante do Papa Francisco deve ser um aguilhão na consciência dos católicos dispostos a sair para evangelizar, no sentido de buscarem os que nada contam numa sociedade anestesiada pelo consumismo e pelo hedonismo, perfeita encarnação da Parábola do Rico e do Lázaro (Lc 16,19-31), onde o homem rico “que se vestia de púrpura e linho fino e cada dia se banqueteava com requinte”, não tinha tempo para ver “um pobre, chamado Lázaro, que jazia à sua porta, coberto de feridas e desejava saciar-se do que caía da mesa do rico. E até os cães vinham lhe lambe as feridas” (v. 19-21).

Pouco depois do início do seu pontificado, em 8 de julho de 2013, o Papa Francisco fez uma viagem à ilha de Lampedusa, território italiano no Mar Mediterrâneo, para denunciar a globalização da indiferença diante da morte cruel de tantos migrantes, para quem o mar se tornava sepulcro, sem ter quem os chorasse. Em sua homilia pungente, Francisco confrontou as consciências dos católicos, mas também dos governantes das grandes potências, com uma questão: “Quem é o responsável por este sangue? [...] Todos e ninguém! [...] Quem é o responsável pelo sangue destes irmãos e irmãs? Ninguém! Todos nós respondemos assim: não sou eu, não tenho nada a ver com isso; serão outros, eu, certamente, não. Mas Deus pergunta a cada um de nós: ‘Onde está o sangue do teu irmão

que clama até Mim?” Francisco deu uma pista para a resposta: “A cultura do bem-estar, que nos leva a pensar em nós mesmos, torna-nos insensíveis aos gritos dos outros, faz-nos viver como se fôssemos bolas de sabão: estas são bonitas mas não são nada, são pura ilusão do fútil, do provisório. Esta cultura do bem-estar leva à indiferença a respeito dos outros; antes, leva à globalização da indiferença. Neste mundo da globalização, caímos na globalização da indiferença. Habituo-nos ao sofrimento do outro, não nos diz respeito, não nos interessa, não é responsabilidade nossa!”

A rápida visita que Francisco fez ao campo de refugiados de Mória, na ilha grega de Lesbos, no mês passado (16/04/2016), foi uma tentativa de chamar a atenção do mundo para a gravíssima situação dos refugiados de guerra sírios, mas também de todos os refugiados do mundo, que vivem em situação subumana, absolutamente, carentes de solidariedade misericordiosa que os possibilite reconstruir a esperança e a alegria de viver.

As palavras de Francisco, em Lampedusa, devem ser levadas a sério pelos discípulos missionários, realmente desejosos de continuar a missão do Mestre de Nazaré. Sair, sim, mas em direção aos deserdados desse mundo, dos desesperançados, dos que buscam um sentido para viver, daqueles a quem é negado o direito de viver com dignidade e respeito. Creio ser possível dizer que a ação dos discípulos missionários pode ser considerada como serviço à “ecologia humana”, expressão usada por Francisco na *Laudato Si'* (nº 155). De fato, não podemos falar de ecologia e meio ambiente fazendo vista grossa ao ser humano degradado, juntamente, com a natureza, pela ganância dos que querem transformar tudo, inclusive os humanos, em coisas a serem consumidas e descartadas.

Os discípulos missionários jamais se olvidarão que o universo da humanidade desfigurada é o lugar incontornável da presença dos anunciadores da salvação, que Jesus de Nazaré nos veio trazer. A evangelização consistirá em construir a “cultura da solidariedade” que leva a ver no outro “um irmão”, como bem sublinhou Francisco, em 25/07/2013, na fala aos moradores da Comunidade de Varginha, no Complexo da Maré, no Rio de Janeiro.

5. Para onde vai a Igreja em saída? Os caminhos dos discípulos missionários

Os discípulos missionários são chamados a trilhar os caminhos de Jesus, ainda não percorridos pela Igreja. Portanto, será preciso fugir da mesmice e dos caminhos já

conhecidos, para não “chover no molhado”, como ensina a sabedoria popular, e, sim, buscar as veredas que levam àqueles a quem o Senhor da messe e da missão envia seus apóstolos. Será preciso deixar-se guiar pelo Mestre, pelos atalhos desejados por ele, e ser levado para onde ele quer.

Assim, a resposta mais correta à pergunta norteadora desta reflexão – “Para onde vai a Igreja missionária?” – será: para onde o Mestre de Nazaré quiser nos levar. Esta guia se tornará legítima aventura apostólica, a exigir total disponibilidade, sem precondições ou exigências, como aquelas dos discípulos de outrora: “Senhor, permite-me ir primeiro enterrar o meu pai” ou “Eu te seguirei, Senhor, mas permite-me primeiro despedir-me do que estão em minha casa”. A resposta peremptória do Mestre conserva sua atualidade: “Deixa que os mortos enterrem os seus mortos; quanto a ti, vai anunciar o Reino de Deus” ou “Quem põe a mão no arado e olha para trás não é apto para o Reino de Deus” (Lc 9,57-62). Só quem se dispõe a se deixar levar para onde o Mestre quiser, estará apto para ser chamado discípulo missionário. Os medrosos, inseguros e carregados de exigências estão excluídos!

Por outro lado, só quem discerne os sinais dos tempos, para auscultar os apelos de Deus, será capaz de se decidir, evangelicamente, pelos caminhos a serem palmilhados e o destino ao qual o Senhor o quer conduzir. Trata-se de um exercício espiritual, do qual nenhum discípulo missionário está dispensado, sob pena de se equivocar ou se extraviar no caminho. Discernir significa caminhar sob a guia do Espírito que conduz os discípulos de Jesus, nos caminhos queridos pelo Pai. Portanto, não são os caminhos definidos e queridos pelos discípulos missionários e, sim, os caminhos do Pai que leva àqueles a quem deseja fazer chegar seu amor misericordioso. Trilhar os caminhos do Deus Trindade será um desafio continuado dos discípulos missionários. Repto cotidiano se considerarmos a constatação de Is 55,7-8: “Os meus pensamentos não são os vossos pensamentos, e vossos caminhos não são os meus – oráculo do Senhor. Pois tanto quanto o céu está acima da terra, assim estão os meus caminhos acima dos vossos e meus pensamentos distantes dos vossos”. Fazer coincidir os caminhos da missão cristã com o desejo de Deus exige do discípulo missionário ingente esforço para estar em sintonia com Deus e lhe ser fiel, embora devendo pagar um preço alto pela fidelidade. Como Jesus, os discípulos missionários são chamados a declarar: “Eu e o Pai somos um!” (Jo 10,30).

Carlos Mesters tem uma expressão contundente que pode ser resposta para onde a Igreja em missão deve ir: os “porões da humanidade”. Aí estão os mais carentes da presença evangelizadora da Igreja, sacramento da misericórdia. Por outro lado, existem situações específicas nas periferias, nos interiores, nas fronteiras e nos novos areópagos a serem fermentadas pelos valores do Reino, a exigir a presença dos discípulos missionários. Em todos os âmbitos do exercício da missão, o discípulo missionário vai sempre aos “porões”, sem se acomodar nos níveis mais superficiais que não exigem desinstalar-se.

São muitos os tipos de *periferias*. Se pensarmos as periferias socioeconômicas, mormente nas grandes metrópoles, nos confrontaremos com as terríveis contradições de um sistema econômico que marginaliza milhões de pessoas e as condena a viver em condições subumanas, em meio a toda sorte de carência e de violência degradantes. Os exploradores da boa-fé do povo encontram aí terreno fértil para a difusão de propostas religiosas aliciadoras e enganadoras, sem qualquer intenção de promover a dignidade humana dos fiéis.

O Papa Francisco tem preocupação especial com as fronteiras existenciais, lugar do sofrimento, da carência de cuidado, da solidão, do envelhecimento, do desprezo social e tantas outras mazelas sociais.

Os *interiores* são outro desafio importante para os discípulos missionários. Em geral, são lugares de indigência e de abandono, campo fértil para a ação de políticos inescrupulosos e corruptos. Ao abandono social, econômico e político, muitas vezes, soma-se o abandono religioso por parte da nossa Igreja. Os interiores ficam entregues à própria sorte!

As novas *fronteiras*, por sua vez, vão se multiplicando, enquanto as fronteiras geográficas têm cada vez menos importância. Pensemos nas fronteiras culturais, nas fronteiras sócio-político-econômicas, nas fronteiras da cultura científico-tecnológica entre outras. Que dizer do mundo sem fronteiras da era cibernética, onde os conceitos de tempo e de espaço foram superados! Os seres humanos encontram-se aí, às voltas com questões éticas e, mais radicalmente, as referentes ao sentido da vida e ao destino da humanidade, à espera de quem os ajude a decifrar os enigmas da existência humana e a encontrar pautas éticas para uma vida carregada de sentido. Evocando uma feliz expressão do Papa Paulo

VI, na Encíclica *Populorum Progressio* (nº 13), os discípulos missionários devem ser “peritos em humanidade”.

Os *novos areópagos* são, também, lugares da ação dos discípulos missionários. A expressão, evocando At 17,16-31, ocorre na Encíclica *Redemptoris Missio* (nº 37-38), do Papa João Paulo II. Como o apóstolo dos gentios, os discípulos missionários são chamados a buscar o diálogo em contextos onde a fé cristã não é o ponto de partida, mas deve encontrar seu lugar, sem imposição nem ares de superioridade. A Encíclica elenca alguns dos novos areópagos: o mundo das comunicações, a luta pela paz, o empenho pelo desenvolvimento e a libertação dos povos, mormente, as minorias, a promoção da mulher e da criança, a ecologia, a cultura, a pesquisa científica, as relações internacionais e o fenômeno religioso que, na contramão do que se pensava, está mais vivo do que nunca, a desafiar os evangelizadores. É preciso recordar outros areópagos importantes: o mundo da ciência e do pensamento, o mundo universitário, o diálogo inter-religioso e com os não crentes, as juventudes e, de modo particular, o mundo das redes sociais. A *Laudato Si'* torna a “casa comum” verdadeiro areópago onde os discípulos missionários devem estar, não só para salvar o Planeta, mas, especialmente, para salvar os pobres que nele são a maioria. O *clamor da terra* deve se fazer ouvir, juntamente com o *clamor dos pobres* (LS 49), se se postula uma “ecologia integral” (LS 137-162).

Estes são os lugares onde a Igreja em saída deve estar na pessoa dos discípulos e das discípulas missionários. Neles se encontra a humanidade carente da Palavra de Deus, que, na metáfora do Sl 119,105, deve ser lâmpada e luz a lhe guiar os passos, permitindo-lhe caminhar com segurança.

Conclusão

Ao abraçarem a missão, os discípulos missionários são confrontados com a questão crucial do caminho a seguir. Eles são Igreja em saída! Porém, para onde? Seriam missionários inúteis se seguissem um caminho qualquer; seriam desorientados, se escolhessem o caminho por erro - acerto; seriam ingênuos, se se deixassem iludir por falsos apelos, sem se dar conta por que caminhos andam; seriam mimetistas, se se contentassem em repetir os métodos, imitar as ações e seguir os caminhos alheios; enfim, seriam infiéis, se construíssem caminhos próprios sem discernir os desígnios de Deus.

Sair, sim, mas para estar ali onde o Senhor da Messe deseja que estejam seus discípulos missionários, para anunciar a Palavra de Deus a quem o Pai deseja dirigir sua Palavra de amor. Só assim será possível experimentar a verdadeira alegria de evangelizar.

Igreja em saída: para onde?

Edward Guimarães²²

Antes de tudo um poema de Paulo Gabriel: “Mãos que curam”. É com grande alegria que compartilho com vocês minhas reflexões sobre o tema desta noite: “Igreja em saída, para onde?” Antes de ensaiar uma resposta para a questão, peço que acolham algumas provocações para pensarmos juntos esta temática.

Chamemos de Interpelações do Espírito, algo que precede a nossa resposta de fé. Começemos com um alerta e uma dica do próprio Francisco:

Penso, aliás, que não se deve esperar do magistério papal uma palavra definitiva ou completa sobre todas as questões que dizem respeito à Igreja e ao mundo... Não convém que o Papa substitua os episcopados locais no discernimento de todas as problemáticas que sobressaem nos seus territórios. Neste sentido, sinto a necessidade de proceder a uma salutar ‘descentralização’ (EG 16).

(Importa) Cuidar do trigo e não perder a paz por causa do joio (EG 24).

Foram esclarecedoras e provocantes as reflexões das duas primeiras noites de nosso colóquio. A grande chave para compreendermos e sintonizarmos com as interpelações de Francisco nós encontramos em seu esforço para recuperarmos na Igreja o espírito e o ideal do Concílio Vaticano II, sobretudo, o que ainda não demos conta de receber e concretizar.

Creio, então, que devemos nos perguntar: o que nós esperamos de um Papa? Determinações sobre o que vamos fazer, sobre que rumos vamos tomar para concretizarmos a nossa práxis eclesial e sociopolítica e sermos fieis à Tradição? Ou interpelações para que, em nossa Igreja Local, tornemo-nos cristãos adultos, criativos e corresponsáveis para esse discernimento?

²² O autor é membro da Sociedade de Teologia e Ciências da Religião (SOTER), mestre em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE) e doutorando em Ciências da Religião (PUC Minas). É professor de Cultura Religiosa no Departamento de Ciências da Religião da PUC Minas, onde atua como secretário executivo do Observatório da Evangelização. É professor de Teologia no Curso de Pós-Graduação em Teologia do Centro Loyola de Espiritualidade, Fé e Cultura e no Curso de Pós-Graduação em Catequética, parceria do Instituto Regional de Pastoral Catequética da CNBB Leste II com a PUC Minas. Na Arquidiocese de Belo Horizonte, é membro do Conselho Arquidiocesano de Pastoral, da Comissão Permanente de Assessoria do Vicariato Episcopal para a Ação Pastoral e da equipe ampliada de formação no Seminário Arquidiocesano.

Se estivermos de acordo na adesão à segunda parte da questão posta, então, temos que assumir que somos nós mesmos que devemos responder à questão: Igreja em saída, para onde?

Quando lemos e contemplamos os escritos e os gestos de Francisco (e aqui poderíamos ter presente a sua pedagogia da proximidade, sua liberdade e coragem desconcertantes, por exemplo, de levar 12 refugiados consigo para dentro do Vaticano, reunir-se com os movimentos sociais e tantas outras de suas micro revoluções. Tenho certeza de que muitos aqui presentes também fazem isso, mas sem tanta visibilidade.) O que discernimos? A que somos interpelados?

Quando fazemos memória da caminhada da Igreja na América Latina em sua busca de recepção do Concílio Vaticano II, se já não a fossilizamos no baú da história, e temos presente toda aquela criatividade “eclesiogênica” das CEBs, a fidelidade jesuânica de tantos mártires da caminhada que, como Romero, fecundaram o chão de nossa América Latina, a leitura popular da Bíblia, os avanços ecumênicos e a nossa tão singular reflexão teológica... Sentimos saudosismo ou interpelação?

Quando com coragem voltamos às fontes e encaramos de frente a prática libertadora de Jesus, em palavras e gestos, e a sua fidelidade, até as últimas consequências, ao Reino do Pai... (Outro dia eu estava relendo “Com Jesus na contramão” do Frei Carlos Mesters, que simplicidade e que profundidade capaz de oportunizar o povo a aprofundar o seu olhar para a pessoa de Jesus...) O que ainda nos interpela da vida de Jesus?

Minha fala está organizada assim: partilharei dois perigos e, depois, sugirirei uma tentativa de resposta a nossa questão para alimentar o nosso debate.

1. Primeiro perigo: “fazer da conversão pastoral algo vago e nebuloso”

O que quero dizer com isso... 1. Que conversão pastoral não acontece sem clareza da rota a seguir: onde estamos? por que temos ou devemos mudar? o que queremos ou aonde queremos chegar? Sem dar resposta a essas questões ficamos perdidos ou fragmentados; 2. Que a conversão pastoral não acontece sem mudança de mentalidade: sem repensarmos as balizas centrais de nossa fé nas categorias de nosso tempo e termos um mínimo de compreensão comum do que significa, de fato, ser cristão no contexto atual não vamos longe nessa saída. Por exemplo, quando falamos de desenvolver em todos os

cristãos a consciência missionária, que compreendemos por isso? Participarmos do terço dos homens, da missa de cura, participarmos dos círculos bíblicos, das pastorais sociais?; 3. Que com todos os avanços tecnológicos, temos que reconhecer, ainda não conseguimos concretizar um diálogo adulto nem na dinâmica da vida eclesial, nem com a da sociedade. A nossa comunicação não flui, não tem sintonia e nem chega às bases da Igreja.

Fica a questão: quando concretizaremos uma formação que nos oportunize conhecermos melhor a pessoa de Jesus e sua prática libertadora, aprofundando o sentido e o significado de segui-lo e de vivermos o nosso batismo no contexto atual? Quando teremos clareza do que entendemos concretamente por Reino de Deus, por missão e por evangelização? Coexistem tantas visões, inclusive que se contradizem, na Igreja que mais confundem do que esclarecem.

2. O segundo perigo: “colocar remendos novos em panos velhos”

O que quero dizer com isso... 1. Que temos a tentação de fazer de Francisco, o que fazemos, sistematicamente, com a cruz de Jesus, com Maria, com os santos e santas... (perdoe-me a franqueza) mero enfeite nas paredes de nossas casas e igrejas, algo que já não nos interpela, mas que são usados para esconder mazelas, incoerências e inconsistências de um cristianismo morno, estritamente litúrgico ou convencional. 2. Que temos a tentação de continuar a configurarmos um cristianismo, com bela linguagem e emocionantes liturgias, mas sem um real compromisso com a busca de respostas para os desafios de nosso tempo: compromisso com a defesa inegociável da dignidade humana; caminhar de mãos dadas com os movimentos sociais e grupos de defesa da cidadania; denúncia profética contra as diversas formas de injustiça, desigualdade e exclusão social; um cristianismo sem prática coerente da vida nova em Cristo: sermos pessoas que foram libertadas para a práxis da justiça, da misericórdia e o amor fraterno. 3. Que temos a tentação de continuar acomodados com o que aí está, sem irradiar a alegria contagiante e transformadora de quem encontrou-se e cultiva a intimidade com o Deus da vida e, por isso, já não consegue viver de qualquer jeito a acolhida do Reino presente em nossa caminhada.

3. Igreja em saída, para onde?

Imagem de uma fogueira (símbolo da rica caminhada da Igreja latino-americana), de um braseiro coberto de cinzas (resultado da experiência desse longo inverno eclesial) e de um sopro capaz de reacender o fogo (efeito Francisco)!

Quem sai, geograficamente, desloca-se de um lugar para outro. Nesse sentido, contemplando a nossa Igreja, utilizando a categoria tendência, pensei setes direções necessárias: 1. De uma Igreja hierárquica e clerical para uma Igreja Povo de Deus, ministerial e participativa, que se organiza em rede de comunidades de fé, em torno da memória de Jesus (batismo e eucaristia) e das lutas sociais e práticas cotidianas de justiça, misericórdia e vida fraterna; 2. De uma Igreja centralizada em Roma a uma Igreja colegiada, representativa e corresponsável; 3. De uma Igreja autorreferencial, ensimesmada e preocupada consigo mesma, para uma Igreja servidora, sacramento do Reino, guardiã da dignidade humana e comprometida com o cuidado com a casa comum e com a paz mundial; 4. De uma Igreja burocrática e moralista, controladora da graça a uma Igreja simples, aberta e acolhedora, misericordiosa, facilitadora da graça; 5. De uma Igreja autossuficiente, enquanto consciente de ser a única portadora da salvação, a uma Igreja consciente da própria sacramentalidade diante do projeto salvífico universal e do Reino, comprometida com a prática do ecumenismo e do diálogo inter-religioso; 6. De uma Igreja sexista e machista a uma Igreja humanamente integrada, na qual cada pessoa possui igual dignidade e possibilidade de participar e assumir corresponsabilidade; 7. De uma Igreja de documentos a uma Igreja da práxis, capaz de concretizar suas diretrizes e opções.

Para terminar dois temas caros para Francisco

Tendo diante de mim as palavras de Leonardo Boff, segundo as quais Francisco é muito mais do que o nome desse papa, pois, trata-se de um projeto de Igreja pobre para os pobres, concluo com duas provocações:

1. Uma Igreja em saída missionária (EG 19-49)

Primeiro temos de refletir e acordar minimamente que missão é essa que recebemos no Batismo. Já não temos clareza da boa nova do Reino que somos chamados a anunciar e testemunhar. Trata-se de algo tão maior que a Igreja, que esta é chamada a ser dele um sacramento e não a realização cabal. Portanto, não se trata de encher as nossas igrejas e oferecer liturgias de massa ou de buscar estratégias para que um número cada vez maior de

peçoas afirme ser católica. Não concretizaremos uma “Igreja em saída missionária” sem colocar a confiança no projeto salvífico universal de Deus, assumindo a lógica do serviço, seja ao Povo de Deus, seja a humanidade como um todo. Para sermos missionários do Reino, importa renunciarmos a pretensão de ocupar o centro e ir ao encontro das periferias sociais e existenciais. Importa assumir a missão de ser como aquele grão de trigo de que fala o Evangelho: que existe para que todos tenham vida!

2. Uma Igreja de portas abertas sacramento da Casa aberta do Pai (EG 46-47)

Francisco usa a imagem de uma mãe de coração aberto. Concretamente, significa, primeiro, tornar-se uma Igreja que procura o tempo todo promover a inclusão social dos pobres e doentes. Ele define: uma Igreja pobre para os pobres. Ele lembra: “para aqueles que não tem com que retribuir”. Ele pede: “não os deixemos jamais sozinhos” (EG 48) e, segundo, tornar-se uma Igreja que encarne, em suas posturas e opções, a misericórdia do Pai. Ele recorda: ser uma Igreja facilitadora e não controladora da graça.